

VELVET

JUL/AGO 2026 EDIÇÃO 24

Mônica Martelli

Lázaro Ramos

Nelson Motta

Cildo Meireles

Lilian Pacce

Zeca Camargo

Mel Lisboa

Ibiti Projeto

Eduardo Toldi

Casa Triângulo

Lucas Moraes

Paola Vilas

Oscar Bosch

Luca Pucci

Gustavo Zylbersztajn

DE LONGE, O PLANO
MAIS COMPLETO

 Total

5G
Pós

Wi-Fi
Fibra



Google
Gemini
Plano AI Plus grátis

Apps de
Streaming



vivo.com.br/total

Para mais informações, consulte vivo.com.br ou o SAC 10315. Pessoas com necessidades especiais de fala/audição, acesso pelo 142. 5G: para mais informações, condições, disponibilidade de cobertura e aparelhos compatíveis, consulte vivo.com.br/5g. Wi-Fi: bônus Wi-Fi mediante adimplência. Google Gemini no Plano AI Plus, grátis por 6 meses. Após esse período, será cobrado conforme condições vigentes.

VELVET

“Adoro os prazeres simples.
Eles são o último refúgio
dos homens complicados.”

Oscar Wilde, em “Uma Mulher Sem Importância”,
lançado em 1893.

24



Velvet é uma publicação **vivo** 

Carta do Christian



FÁBIO AUDI

Nesta edição de Velvet, convidamos o leitor a olhar para os refúgios como possibilidade de construção de um espaço para si. Mônica Martelli, por exemplo, nossa capa, faz do humor seu abrigo e conta como é nele que ela reorganiza os sentimentos após dar tempo ao sofrimento. Outro ator que falou conosco foi Lázaro Ramos e, em uma conversa agradável em sua casa, explicou que seu escape está nas relações que cultiva e na clareza com que desenhou sua trajetória, sustentada por escolhas firmes e afetos duradouros.

No jornalismo, Zeca Camargo encontra novas possibilidades de rejuvenescer. O segredo é a curiosidade que o faz garimpar novidades em suas viagens, ele diz à amiga Joyce Pascowitch. Lilian Pacce também encontrou um nicho no frenético mundo da moda e há décadas convida ao debate sobre consumo e sustentabilidade como uma maneira de reduzir a marcha.

Carta do Christian

Nas artes, Ricardo Trevisan e Rodrigo Editore, à frente da galeria Triângulo, mantêm três portas sempre abertas em um convite à observação; Cildo Meireles também, de personalidade contestadora, cria espaços de contemplação e reflexão ao público com sua obra.

Por fim, outras formas de abrigo: Renato Machado, no Ibiti Projeto, propõe um ecossistema comprometido com o planeta; os spas medicinais ressignificam o cuidado ao unir tecnologia, silêncio e natureza; e Gustavo Zylbersztajn, após atravessar perdas e recomeços, encontra na Patagônia um território de reconstrução com aqueles que buscam se afastar do ruído urbano.

Ainda tem a alfaiataria de Eduardo Toldi, as joias de Paola Vilas, as histórias fantásticas de Nelson Motta, a cozinha de Oscar Bosch, a arte de Mel Lisboa e a velocidade de Lucas Moraes. Entre trajetórias e ideias, esta edição sugere que o refúgio pode assumir muitas formas. Talvez uma delas esteja aqui, no gesto simples de abrir estas páginas e se permitir o tempo de leitura.



Christian Gebara, CEO da Vivo

Edição 24: Refúgio



11
Mônica Martelli
Livre para escolher



19
Nelson Motta
gosta é de viver



28
Lázaro Ramos
conversa com
Christian Gebara



40
Oscar Bosch
à mesa



47
Os troféus de
Lucas Moraes

Edição 24: Refúgio



Edição 24: Refúgio



Velvet é



MÔNICA MARTELLI

Com a personagem Fernanda, à beira do divórcio e suas consequências, há 20 anos a atriz leva o Brasil às risadas ao refletir sobre a maturidade no teatro, no cinema e na TV.



LÁZARO RAMOS

Como vilão pela primeira vez na TV, o ator revisita sua trajetória, fala do momento atual em família e assume que está além do que sonhava.



ZECA CAMARGO

O jornalista e apresentador viaja o mundo há décadas em busca de referências artísticas das mais diversas fontes e garante que perder o interesse pelas coisas é começar a envelhecer.

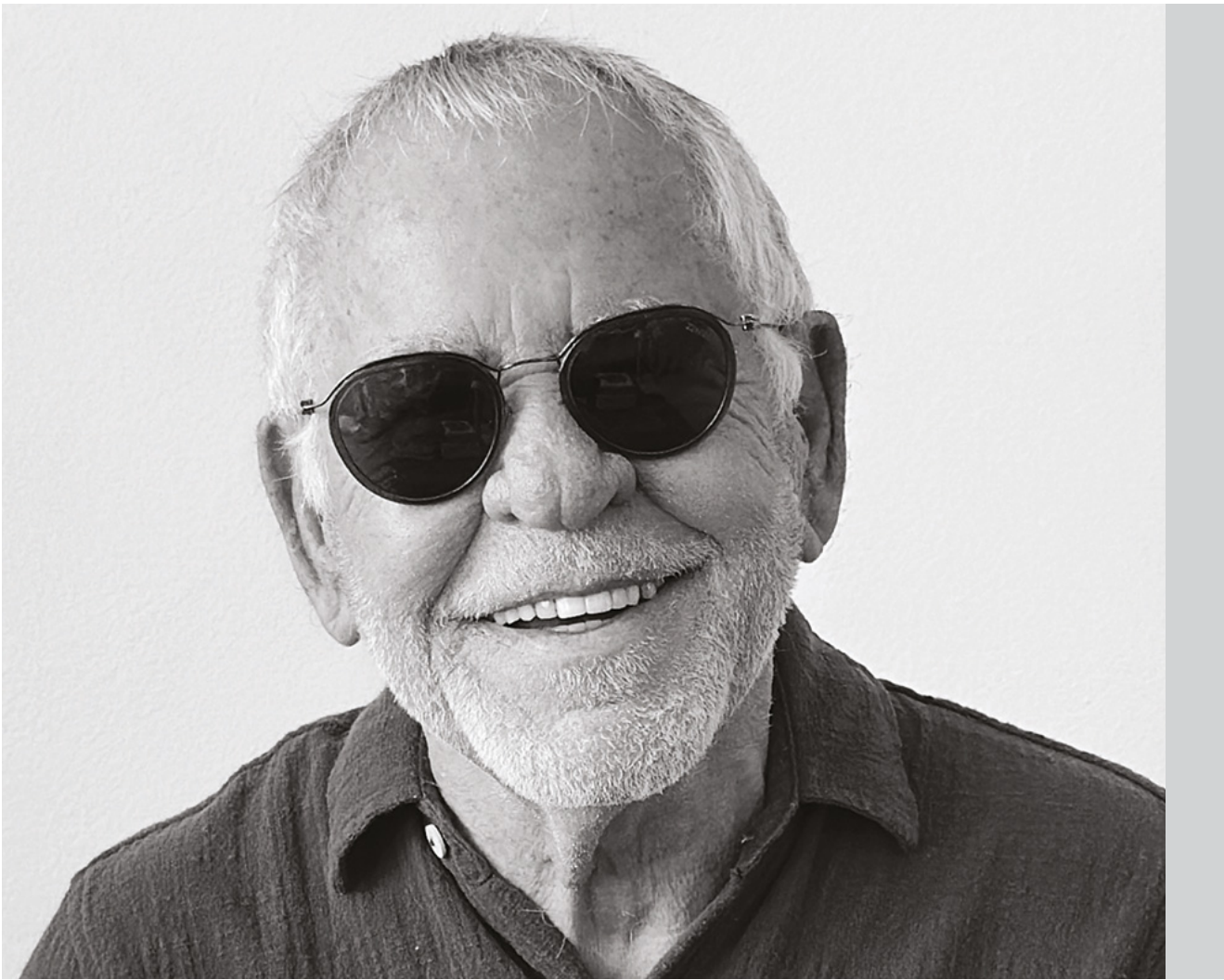


MEL LISBOA

Com 25 anos de uma carreira sólida na TV e nos palcos, a atriz equilibra o sucesso do musical sobre Rita Lee no teatro com a vida de mulher comum que vai ao mercado e cuida dos filhos.

Nesta edição

Velvet é



NELSON MOTTA

O jornalista, produtor, compositor, escritor e curador está com 81 anos, cercado de ideias e se alimentando da troca com os mais jovens. Na entrevista, ele afirma seguir querendo mais.



LILIAN PACCE

Grande nome no jornalismo para a cobertura de moda brasileira, ela volta seu olhar para as artes visuais, empenhada em levar talentos nacionais ao mundo.



OSCAR BOSCH

O chef catalão é o grande nome em São Paulo quando o assunto é gastronomia espanhola e conta sua rotina entre vários restaurantes, além do desejo de exercer a paternidade de perto.



CILDO MEIRELES

Sucesso no Inhotim com disputadas instalações, o artista plástico se vê às vésperas de remontar a instalação “Missão/Missões” em Brumadinho, sempre inquieto.



Mônica Martelli

Livre para escolher

TEXTO LUCIANA BUGNI
FOTOS FÁBIO BARTELT

A atriz explica a crise da meia-idade e conta como leva o Brasil “para Marte” no teatro, no cinema e na TV

Na tela, uma mulher de cerca de 40 anos, de cabelos longos, com um vestido vermelho curto, parece segura em frente ao mar. Em off, a voz de seus pensamentos é feita sob medida para tantas outras mulheres de meia-idade. “Um dia a gente entende que a vida é feita de ciclos. As histórias têm um começo, um meio e um fim. Mas no amor, ninguém está preparado para esse fim. Mesmo a gente sabendo que é fundamental fechar o ciclo para abrir o caminho para uma nova história”. Antes que o público possa se recompor do longo suspiro, vem uma onda grande, a personagem em cena toma um caldo daqueles e sai rolando pelo mar. No áudio, as palavras reflexivas são substituídas pela trilha instrumental de uma comédia pastelão. Quem tentava refletir se pega no sofá rindo do infortúnio da protagonista.

A cena, que abre o primeiro episódio da série “Os Homens São de Marte...E É Pra Lá Que Eu Vou”, na Globoplay, de 2015, é um bom exemplo de como funciona a dinâmica do trabalho da atriz e escritora Mônica Martelli. A gente pensa e sente, sim, e até sofre o que tem que sofrer. Mas depois ri — e ri muito. “Esse é o poder do humor e por isso que ele é tão soberano para mim. É possível falar de coisas sérias, mas aquilo chega no público de forma leve. Rimos daquilo com que nos identificamos. E, a partir desse momento, elaboramos essa dor e nos curamos também”, reflete em entrevista exclusiva para a Velvet. O público, espelhado na mulher de meia-idade da série, percebe que todo mundo toma seus tombos, mesmo quando quer se mostrar forte. E, depois de rolar à beira-mar literal e metaforicamente, se sente melhor.

“Coloco minhas dores, vulnerabilidades e tudo o que eu passo na minha vida no texto. As angústias, tristezas, alegrias,

“Tem coisas das quais não dá para rir. Jamais faria piada em cima de violência contra a mulher em um país extremamente misógino, patriarcal em que a gente luta diariamente para estar viva só por ser mulher, por exemplo.”

1.



DIVULGAÇÃO

2.



IQUE ESTEVES / DIVULGAÇÃO

3.



DIVULGAÇÃO

1. Em “Os Homens São de Marte... E É para Lá Que Eu Vou”, com o amigo Paulo Gustavo, de 2005
2. “A Minha Vida em Marte” foi novamente adaptado para o cinema, em 2018
3. A série “Os Homens São de Marte... E É para Lá Que Eu Vou”, de 2015, em cena com Luigi Baricelli

quedas... tudo isso está em meu trabalho”, conta. Só escreve, porém, no período posterior ao sofrimento. “Quando eu estou com dor de amor, estou jogada no chão sofrendo, entendeu?”, ela faz questão de dizer. Mas quando passa, tem vontade de rir de si mesma. Quem ganha são as milhares de pessoas que lotam teatros e cinemas no Brasil para rir também.

Era uma casa muito engraçada

Mônica foi educada para risadas. Desde a infância, em Macaé, no Rio de Janeiro, vive no que chama de “uma casa engraçada”. A mãe, Marilena Garcia, foi eleita a primeira vereadora mulher da cidade, aos 35 anos, nos anos 1980. “Ela fazia as sessões da Câmara Municipal com um penico na bancada, para protestar porque não tinha banheiro feminino no plenário. E já chegava em casa falando daqueles homens vereadores de uma forma muito divertida”, lembra a filha. Os irmãos também herdaram esse jeito de levar a vida. A mais nova, Susana Garcia, escreve com ela até hoje. Mônica narra histórias de um jeito engraçado desde que era jovem. “Acho que isso é natural. O humor não se ensina. Ou você tem o timing, ou não tem. É o humor quem te escolhe. Posso estar no parque de diversão, na fila com você, e vou narrar aquilo de uma forma engraçada. E você vai narrar como uma desgraça por estar debaixo do sol, sofrendo. É como a gente olha a vida”, ela diz.

A mãe e os irmãos mudaram-se para o Rio de Janeiro quando Mônica tinha 18 anos e, depois de quase cursar Direito, ela decidiu ir para os Estados Unidos estudar Dramaturgia. Lá, trabalhou como maquiadora para se sustentar. Na volta, até conseguiu alguns papéis na TV e no teatro, mas era a hora de coordenar a própria guinada. Escreveu a peça “Os Homens São de Marte... E É para Lá Que Eu Vou”, em 2005, e conseguiu, com a protagonista Fernanda, a identificação do público com a crise da mulher que não tem certeza se o casamento acabou e sofre com isso. Mas sofre fazendo rir. O espetáculo, cujo título é inspirado no clássico da autoajuda “Homens São de Marte, Mulheres São de Vênus”, escrito pelo terapeuta norte-americano John Gray, ficou nove anos em cartaz até virar a

“A dor vem de todo o futuro que você planejou e que você não vai ter mais.”

adaptação cinematográfica com o mesmo nome, em 2014. No elenco, o amigo Paulo Gustavo. Juntos, alcançaram o posto de filme mais visto daquele ano. A saga de Fernanda seguiu crescendo e virou a série televisiva descrita no início da reportagem, com quatro temporadas. E não acabou por aí: desde 2017, a Fernanda de Mônica segue com o monólogo “A Minha Vida em Marte”, que está em cartaz até hoje. Em 2018, foi novamente adaptado para o cinema, em nova dobradinha com Paulo. Nesses mais de 20 anos, acumulou prêmios como atriz e autora. Ufa.

Uma vida em Marte

“A peça realmente é atemporal, porque fala de uma crise de casamento. A Fernanda tem medo de se separar e de ficar sozinha. Nós, mulheres, somos cobradas a ter um par. A gente se sente um ser faltante. É como se alguma coisa não desse certo na nossa vida se não tivermos um parceiro do lado”, reflete. O tema também permeia o novo filme da atriz com Ingrid Guimarães, “Minha Melhor Amiga”, que estreia em setembro de 2026. Na história, a personagem de Mônica questiona a amiga se ela quer ficar seus próximos 40 anos em um casamento infeliz. Juntas, dão uma guinada em suas trajetórias. “Quando a gente fala hoje de longevidade, é sobre viver até os 90 anos. Dá para descartar a segunda metade da vida?”, questiona. Para Mônica, esse é o motivo das conversas sobre menopausa terem virado mainstream. No sofá do “Saia Justa” que apresentou de 2013 a 2021, não tinha pudores ao mencionar os fogachos no ar. “Gente, parecia uma entidade na beira de uma fogueira chegando. Eu falei: ‘Meu Deus, o que eu tô sentindo aqui?’”, se diverte ao lembrar. “Há 8 anos, ninguém falava de menopausa. Todo mundo tinha vergonha, porque a menopausa sempre teve cheiro de velhice. E cheiro de velhice é final de vida. Mas é só o final da vida reprodutiva”, diz. Mulheres como ela, falando sobre isso, incentivam outras a pensar se realmente querem passar o resto da vida com aquele marido, ou naquele trabalho.

Romper com paradigmas de relacionamento

Mônica namora o empresário Fernando Altério há sete anos. “Moramos em casas separadas e só vejo meu namorado no



final de semana. Claro que essa cultura que a gente vive me pressiona para casar. Aí eu paro e penso: ‘eu tenho que botar minha inteligência a serviço dessa relação. A relação está maravilhosa desse jeito’”, decreta. Nesse modelo, Mônica consegue decidir passar um feriado no Rio quando ele quer ir para o interior, mesmo que sejam questionados sobre não estarem juntos sempre. “A gente é resistência também. Manter um outro tipo de acordo dentro de uma sociedade que te fez acreditar nesse amor romântico, morando junto, é o único jeito e é difícil também”, diz.

Mas ela também vive as aventuras de uma mãe comum: Julia, sua única filha, completou 16 anos e elas vêm enfrentando as novidades da adolescência. “No sábado, esperá-la chegar às 3 horas da manhã de uma festa é novo para mim”, conta. Recentemente, Julia colocou um piercing após um ano insistindo com a mãe. “Um dia ela perguntou por que um piercing no corpo dela me afetava tanto. Ela queria se expressar no mundo desse jeito. Era uma pessoa ali, que devo respeitar. Mas não é adulta ainda e tenho que impor limites, então, é difícil”, afirma sobre o desafio de ser autoridade e dar autonomia em proporções saudáveis.

Sempre segura, com a voz firme de quem soube traçar as guinadas de sua vida, o medo da atriz é não poder decidir seu destino. “A riqueza da vida é você poder fazer escolhas. Escolher quem você quer como seu parceiro, a vida que você quer, o que você quer fazer com o seu tempo e dinheiro”, diz em uma reflexão sobre a independência financeira feminina. “No mundo capitalista, isso me dá liberdade.” O maior desafio que temos na vida, ela diz, é não se perder da gente mesmo. “Se vamos mudando a cada fase, nossos desejos também se transformam. Então é fundamental perguntar quem você é hoje”, reflete. Não há como negar que os caldos que a gente toma da vida, como Fernanda em frente ao mar, nos ajudam a responder a essa pergunta. Depois, fica mais fácil rir de tudo — até de si mesma. ▀

“Às vezes o humor é tratado como uma coisa menor. Se eu faço você rir, como é que você me leva a sério, amor? Mas o humor para mim tá acima de tudo porque necessariamente nasce da sabedoria.”



EM TEMPOS
DE PRESSA,

ARTE É RESPIRO

HÁ MAIS DE 20 ANOS, A VIVO
INVESTE EM CULTURA PARA
TRANSFORMAR A SOCIEDADE



Nelson Motta gosta é de viver

TEXTO ALEXANDRE PETILLO



Jornalista, produtor, compositor, escritor, curador... Aos 81 anos, e acumulando funções, ele ainda quer mais

Nelson Motta está feliz. Durante o papo com a Velvet, o sorriso não saiu de seu rosto. Principalmente quando fala sobre os novos e futuros projetos. Um ícone da música e da cultura popular brasileira, testemunha ocular e auricular dos principais movimentos, revoluções e transformações das últimas cinco décadas, traduziu e ditou tendências. Quando completou 80 anos de vida, em 2024, contou que, naturalmente, era um momento de reavaliar o vivido e pesar o que valia a pena para o que ainda está pela frente. Sua conclusão foi a de seguir cada vez mais produtivo. Profissionalmente, pessoalmente, com a família, as filhas, os netos e com a namorada. Estar produtivo o deixa feliz. “Sigo procurando novas cenouras para colocar na frente do cavalo”, brinca. Rimos.

Uma das cenouras mais recentes da horta de atividades de “Nelsomotta”, como dizia Tim Maia, é escrever teatro musical. Desde que começou, após os 70 anos, já escreveu cinco peças. Duas estão em cartaz atualmente: “Tom Jobim Musical”, assinado com Pedro Brício, e “Tim Maia, Vale Tudo — O Musical”, baseado em seu próprio livro de grande sucesso literário. A primeira está em turnê pelo Brasil e a segunda está em cartaz no Rio de Janeiro depois de uma temporada grandiosa em São Paulo.

Sucesso em escala industrial

Na faculdade, no começo dos anos 1960, Nelsinho, como é chamado pelos amigos, cursou um ano na Faculdade Nacional de Direito e quatro anos na Escola Superior de Desenho Industrial (Esdi), tendo Zuenir Ventura como professor de redação, o que o inspirou a ir para o jornalismo. Começou no Jornal do Brasil, em 1964, e escreveu para diversos veículos. Em paralelo, começou a carreira na televisão no fim de 1966 e produziu especiais de Chico Buarque, o clássico programa “Som Livre Exportação”, e o “Viva Marília”, um programa de show e atualidades estrelado por Marília Pêra. Com a atriz, aliás, ele teve um relacionamento e duas filhas, Esperança Motta e Nina Morena. Joana, sua primogênita, é filha do primeiro casamento de Nelson com a jornalista Mônica Silveira. No início dos anos 1970, apresentou o “Sábado Som”, um dos primeiros programas sobre rock da televisão brasileira.

Antecipou tendências também como empresário. Em 1976, abriu a boate Dancing Days — no ano seguinte, a moda das discotecas faria sucesso no filme “Os Embalos de Sábado à Noite” e, em 1978, seria retratada na novela “Dancin’ Days”, de Gilberto Braga. Compôs, inclusive, o tema de abertura da trama, sucesso enorme com As Frenéticas.

Nelson morou em Roma de 1983 a 1986, e chegou a trabalhar na emissora Telemontecarlo. Nos anos 1990, mudou-se para Nova York. De 1993 até 2001, participou, ao lado dos jornalistas Lucas Mendes, Caio Blinder, Paulo Francis e Lúcia Guimarães, do programa “Manhattan Connection”, então transmitido pelo canal GNT.

Hoje a festa é sua

Mas o passado cheio de hits não atíça a felicidade de Motta. Tudo está muito bem documentado e, hoje, com as facilidades do mundo virtual, é facilmente encontrável para quem tem curiosidade. O que o instiga é o futuro, como o projeto de um filme sobre João Gilberto. Ao lado do diretor Renato Terra, “seu filho adotivo, praticamente”, pretende focar na arte do pai da Bossa Nova, sem entrar nas suas idiossincrasias. Uma música atrás da outra, nenhuma ambição formal ou revolução estética, priorizando as apresentações ao vivo pelo mundo, como os shows em Tóquio e Montreal. O plano é lançar esse filme também nos Estados Unidos, Europa e Japão. “Eu tive o privilégio de ver muitos shows do João. Talvez eu seja o brasileiro que mais viu shows dele quando João estava se apresentando bastante na Europa. Morando na Itália, deitei e rolei por ali, vi todos”, relembra.



Alguns dos livros de Motta: história da cultura do Brasil



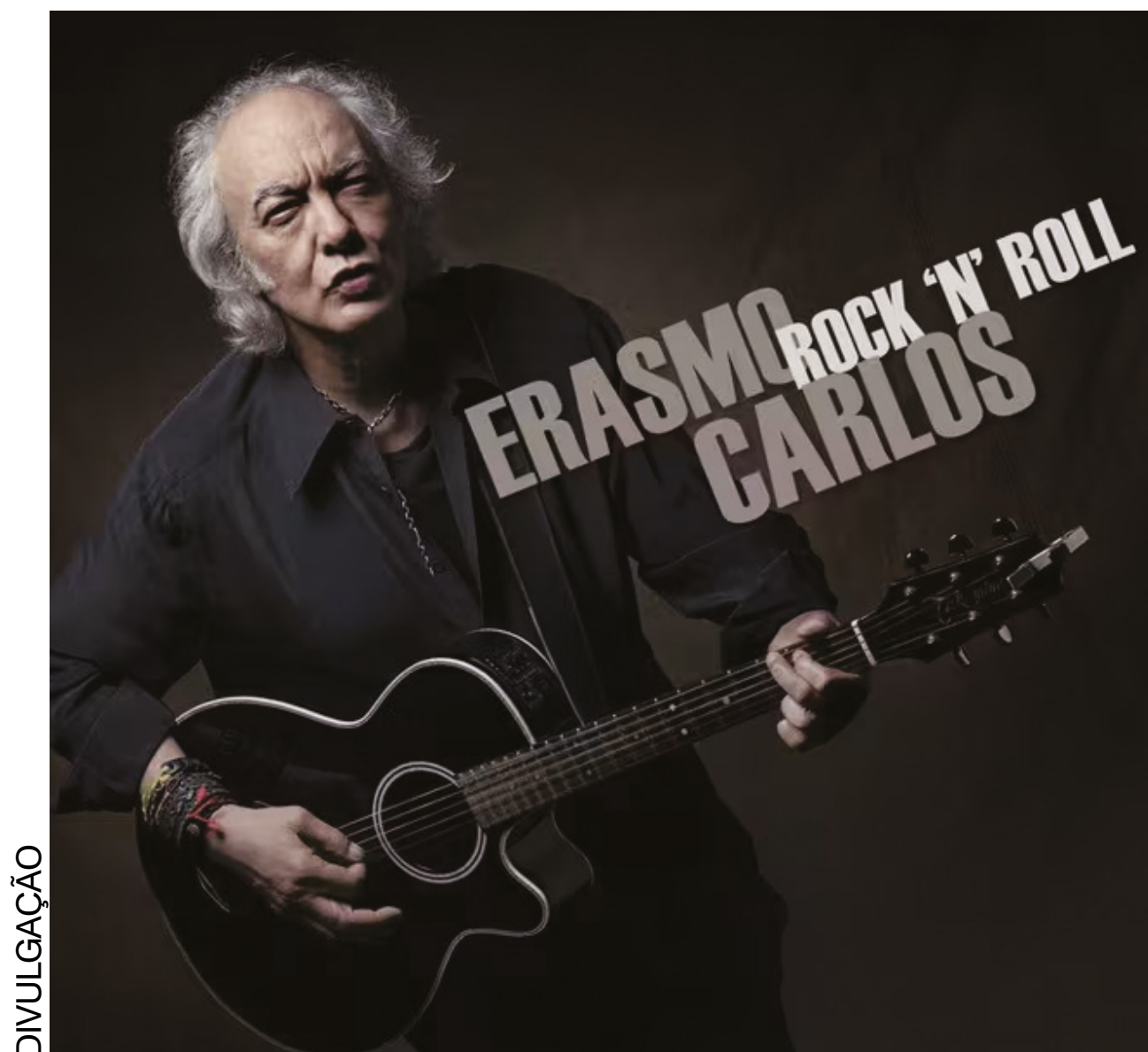
Jovem desde sempre: uma nova tatuagem é motivo de orgulho

Como sempre estive no lugar certo e na hora certa, neste ótimo momento do cinema brasileiro, em breve veremos a trajetória de Nelson nas telonas. A versão em película da autobiografia “De Cu Pra Lua: Dramas, Comédias e Mistérios de um Rapaz de Sorte” começa a ser gravada em breve, com direção de Lírio Ferreira, o mesmo de “Árido Movie”. Nelson garante que não vai interferir no roteiro e, sim, deixar o artista seguir os caminhos que achar melhor.

Outro projeto de grande tela é o filme baseado na biografia que Motta escreveu do cineasta Glauber Rocha, “A Primavera do Dragão”. Depois de anos sendo desenvolvido, produzido, levantando recursos, já está com o roteiro finalizado e começou a montagem de elenco. Assim como no livro, o filme foca na juventude de Glauber, que aos 14 anos já tinha programa de rádio sobre cinema, e na efervescente Salvador do final dos anos 1960, terminando na consagração de “Deus e o Diabo na Terra do Sol” no festival de Cannes, na França.

A lista de empreitadas continua. O livro de sucesso de Nelson, “Noites Tropicais”, não deixa de ser uma autobiografia. A obra que relata seu olhar para Bossa Nova, Tropicalismo e rock brasileiro dos anos 1980 foi comprada para uma adaptação para o teatro musical por Marcio Macena. Um musical do “Noites”, entretanto, é um projeto, usando a palavra do próprio autor, “inviável”. “Desde que o livro foi lançado (2000), foi cogitado muitas vezes em forma de filme, minissérie,

PARA ABRIR O LADO A E FECHAR O LADO B DE UM “GREATEST HITS”



“Abriria com ‘**Certas Coisas**’(gravada por Lulu Santos, em 1984) e fecharia com ‘**Noturno Carioca**’, gravada recentemente pelo grande Erasmo Carlos. Essa é uma das minhas melhores músicas e de longe é a mais querida. Um clima bonito para encerrar um disco.”

UMA PLAYLIST COM COMPOSIÇÕES DE NELSON MOTTA (E QUE ELE NÃO VAI OUVIR)

- “A Vida Vale a Pena” – Guilherme Arantes
- “Bem Que se Quis” – Marisa Monte
- “Como Uma Onda (Zen Surfismo)” – Lulu Santos
- “De Repente, Califórnia” – Lulu Santos
- “Soul de Verão” – Sandra de Sá
- “Tudo que se Quer” – Emílio Santiago
- “Perigosa” – Rita Lee e Roberto de Carvalho
- “Coisas do Brasil” – Guilherme Arantes
- “Dancin’ Days” – As Frenéticas
- “Veneno” – Marina Lima
- “O Cantador” – Dori Caymmi

“Escrever para o teatro foi uma vocação tardia, mas que mistura várias experiências que tive, como jornalista, escritor, roteirista e, sobretudo, produtor musical. Isso tudo junto dá um musical de teatro. Maravilhoso, né?”

documentário, de todas as formas e nada foi adiante. Porque é muito difícil, ali tem 50 anos de música brasileira, são muitos personagens e todos grandiosos”, ressalta.

Por essas e outras, é possível imaginar como é desafiador colocar em um palco a história de Nelson Motta e sua participação na música brasileira. Como compositor, fez parcerias com gigantes como Edu Lobo, Dori Caymmi, Lulu Santos; produziu festivais, como o primeiro Hollywood Rock, de 1975, e discos de Elis Regina e Marisa Monte; foi crítico musical, dono de casa de shows, roteirista de programas de TV, como o musical “Chico & Caetano” e o seriado “Armação Ilimitada”, da Rede Globo. Ajudou, aliás, a compor a música mais famosa da emissora carioca. É dele, com os irmãos Paulo Sérgio e Marcos Valle, a canção entoada pelo coral da Globo nas vinhetas de final de ano da emissora: “Hoje a festa é sua/ Hoje a festa é nossa/ É de quem quiser/ De quem vier!”.

Do Leme ao Pontal

Nelson prefere trabalhar de manhã, com a cabeça ainda fresca. Da sua mesa de trabalho dá para enxergar toda a orla da Zona Sul carioca. Impossível inspiração melhor. Foi dono e DJ do lendário festival “Noites Cariocas”, que chegou a reunir 4 mil pessoas no Morro da Urca, mas hoje evita eventos noturnos. Quando não dá para escapar, balanceia com um cochilo vespertino. Para o autor de “Como Uma Onda”, eternizada por Lulu Santos, há muita vida lá fora, mas o que tem feito seu coração bater e o sangue circular mais rápido são os encontros com a namorada Pati Pontalti, 51 anos, que mora em Porto Alegre. “É uma sucessão de luas de mel”, derrete-se.

Os netos também entram em pauta quando o assunto é amor — e negócios, que são tocados em parcerias com familiares. Joaquim, advogado em direito autoral, cuida dos contratos. “Superexigente, não me deixa fazer loucuras”, define. A neta Marina, estudante de comunicação, cuida das redes sociais e vem fazendo um excelente trabalho com o farto material que existe na cabeça do avô. E Antônia, outra neta, é “uma artista plástica incrível, está evoluindo, vendendo quadros com estilo próprio. Então, pô, que alegria maior posso ter?”, arremata.

NOVOS NOMES DA MÚSICA BRASILEIRA

DIVULGAÇÃO



Tim Bernardes
“Um compositor, cantor, performer espetacular, original.”

DIVULGAÇÃO



Zé Ibarra
“Um dos grandes nomes que conseguem reinventar a MPB.”

DIVULGAÇÃO



Rubel
“Um grande compositor.”

DIVULGAÇÃO



Liniker
“Nova MPB, sem se distanciar das raízes.”

“Eu divido o trabalho com muitos jovens. A nossa troca é intensa e divertida. Eu os vampirizo com as novidades, em troca de muitas histórias que tenho para contar.”



Na Itália e em eventos no Brasil, o sorriso de Nelson é sua marca registrada

Uma felicidade atual é ver Gilberto Gil, Maria Bethânia e Caetano Veloso se apresentando em grandes estádios e festivais. O que contribui para uma nova geração de artistas, influenciados pela MPB clássica temperada por música eletrônica, rap, batidas modernas e novas sensações. Nelson faz a curadoria do festival “Doce Maravilha”, evento anual que reúne novos e clássicos nomes da música brasileira, no Rio de Janeiro. Esse trabalho, num momento em que o cenário de shows está aquecido e profissionalizado, é outra cenoura favorita.

“Penso em escalação, nomes e falo: ‘façam acontecer’. E acontece! Não preciso me matar para conseguir montar um palco, lutar por um equipamento de som mediano, como nos anos 1970. É tudo espetacular”, conta, aliviado. Atualmente, “sou um xamã, abençoando as meninas e os garotos. Ainda estou aqui”.

Antes de encerrar, perguntamos a Nelson o que ele ouve no dia a dia, como ele lida entre colocar um vinil na vitrola (outra tendência atual) ou selecionar uma playlist num tocador de streaming. Ele surpreende: Nelson Motta não ouve música. “É raríssimo. Colocar uma música, sentar, ouvir, quase nunca. Também não gosto de música de fundo, me atrapalha para pensar e para escrever. Eu ouço somente como pesquisa, informação, não por prazer. Mas se existisse um Spotify nos anos 1960, eu não sairia de casa”, explica. Que bom que não existia. A música brasileira e seus fãs agradecem. ▀



*7 anos
na liderança*

A Vivo foi eleita mais
uma vez como o
Melhor Roaming
Internacional pela
Folha de S.Paulo.



Clique aqui para
atendimento exclusivo



Lázaro Ramos

conversa com
Christian Gebara

FOTOS FÁBIO AUDI

O ator fala sobre a trajetória, o momento de vida com a família e a criação em telas, palcos e livros: “Estou além do que sonhava.”

Quando Lázaro Ramos esteve no Rio de Janeiro pela primeira vez, aos 12 anos, com o pai Ivan, apontou um conjunto de prédios na orla. “Deve ser lindo morar aqui”. Hoje, ele conta essa história para a Velvet de dentro de um desses prédios, para onde se mudou na pandemia com a mulher, Taís Araújo, e os filhos João Vicente e Maria Antônia. Ali, um altar ecumênico dá a pista da quantidade de crenças e atividades que ele acumula. “Lázaro, você é religioso?”, eu pergunto. “Eu sou baiano”, ele já responde rindo. “Sou de tudo, de uma família de cultura religiosa. Minha tia-avó me criou no candomblé, meu avô materno era pastor da Assembleia de Deus, meu pai é agnóstico, minha mãe era espírita e eu escolhi fazer catecismo para ser católico”, completa. Com mais de três décadas de uma carreira repleta de projetos, ele pode dizer que chegou a lugares onde jamais imaginou. Aqui, conta o início da trajetória, nos palcos de Salvador, a migração para o cinema no começo do século e a carreira (bem) pensada e de sucesso na TV. Além disso, a vida de escritor que corre em paralelo — e já são 11 livros escritos, entre infantis, biografias e obras adultas. Esse volume todo de trabalho rendeu um burnout em 2021 e o aprendizado de começar a dizer “não” para algumas coisas. “Desde então, estou fazendo tudo melhor”, ele contou. Em meio às gravações de “A Nobreza do Amor”, novela das 18h da Globo, Lázaro falou de seu primeiro antagonista, paternidade e o jeito de levar a vida.

“Eu adoro conversar. Sou muito curioso, perco o voo porque eu estou conversando no aeroporto. Dentro de casa, com minha família, nós sempre fomos assim.”



A conversa de Lázaro e Christian: cinema, arte e carreira

Lázaro, é a primeira vez que você faz o vilão de uma novela, o Jendal. Como tem sido essa experiência na televisão? Você sente que ainda existe essa repercussão nas ruas com os personagens de novela?

Olha, eu mesmo estou me surpreendendo, porque em geral faço personagens muito simpáticos. Carismáticos, amigos, engraçados. E esse está diferente. É bom, porque é catártico. Muita gente diz que odeia o Jendal, mas ama o Lázaro. Eles têm memórias de cenas, de detalhes. Depois de anos sem fazer novela, fazendo mais cinema e dirigindo, na semana em que entrou no ar já percebi o afeto de um outro público, com muito mais crianças e donas de casa. Mas é um vilão e não dá para usar tanto elemento de carisma a ponto de esquecer que o personagem está fazendo coisas reprováveis. Acho que eu encontrei um tom: eu faço o vilão, as pessoas gostam de assistir, mas têm senso crítico em relação a ele. Esse era o meu maior desafio.

Mas vamos voltar um pouco e falar de outros desafios. Você começou no Bando de Teatro Olodum. Como foi esse início artístico e como seu pai reagiu?

Eu era extremamente tímido e tinha grande dificuldade de comunicação quando comecei a fazer teatro na escola. A filha da diretora do meu colégio trabalhava no SBT local e às vezes precisava de crianças. Eu ia. Nunca tinha visto uma peça de

teatro, mas eu me sentia bem fazendo aquilo. Porém, queria ser médico, achava que ser médico deixava as pessoas felizes. Foi então que meu grupo de amigos do teatro foi fazer uma inscrição para o Bando de Teatro Olodum. Quando eu cheguei lá, eu vi aqueles atores... Eu lembro do primeiro dia da oficina de teatro. Aula de canto, aula de música, interpretação, tocar instrumentos. Eu achei aquilo tão precioso e parecia que era o meu lugar. É uma sensação que eu nunca tinha tido antes na vida. Meu pai ficava preocupado porque o mercado teatral na Bahia era muito restrito. Mesmo os atores do Bando naquela época tinham que ter outras profissões. Fiz patologia clínica para ter uma profissão, me sustentar e fazer o teatro junto.

E a fama só veio uns anos depois? Como foi sair do Bando para ser conhecido no Brasil?

Vladimir (Brichta) e Wagner (Moura), meus amigos queridos, estavam fazendo um espetáculo chamado “A Máquina”, em 2000. Eles me indicaram para o elenco, eu abandonei a faculdade de Bioquímica e fui. E aí aconteceu a grande mágica. Nessas três semanas de espetáculos, fui chamado para fazer teste para vários filmes, como “Uma Onda no Ar”, “O Homem do Ano”, “Carandiru”, “Madame Satã”, “O Homem que Copiava”, “Cidade de Deus” e “As Três Marias”. E passei nos sete. Era um momento muito interessante do cinema brasileiro. Estreei no mesmo ano “O Homem que Copiava” e “Madame Satã”. Olha que privilégio. Dois personagens completamente diferentes.

Foi assim que o Brasil te descobriu. Você sempre foi seguro para esses novos desafios?

Eu cheguei apavorado, mas com muita vontade, porque eu sempre fui fanático por cinema. Vi “Os Goonies” e “Curtindo a Vida Adoidado” dezenas de vezes. O grande sonho da minha vida era habitar aquele lugar, mas eu não sabia que era um lugar possível. Essa geração de cineastas me abraçou e deu algo que mudou a minha carreira: uma quantidade de personagens diferentes. No geral, os atores com as minhas características físicas acabavam muito reclusos no mesmo tipo de personagem. Eu achava muito legal isso. As pessoas não identificavam que o cara de “O Homem que Copiava” era o cara de “Madame Satã”.

E como entra a televisão nessa história?

A televisão entra por causa de João Falcão, diretor de “A Máquina”, que foi fazer “Sexo Frágil” e convocou a turma dele do teatro. Foi um marco. E só então veio o Foguinho, em “Cobras e Lagartos”, um personagem que eu desejei fazer. Comecei a me tornar um ator que tinha o reconhecimento e o prestígio do cinema e a popularidade da televisão. Tudo mudou, comecei a precisar andar com seguranças, chegavam crianças e ficavam fascinadas como se eu fosse um ídolo infantil. Isso aí para mim foi novo. Fui para Angola para ser jurado do Miss Angola e, quando cheguei no aeroporto, tinha uma multidão para me receber. Ali tinha uns 12 meninos parecidos comigo, com bigode pintado de louro.

Mas essa identificação você seguiu notando quando fez o galã que ficava com muitas mulheres em “Insensato Coração” também...

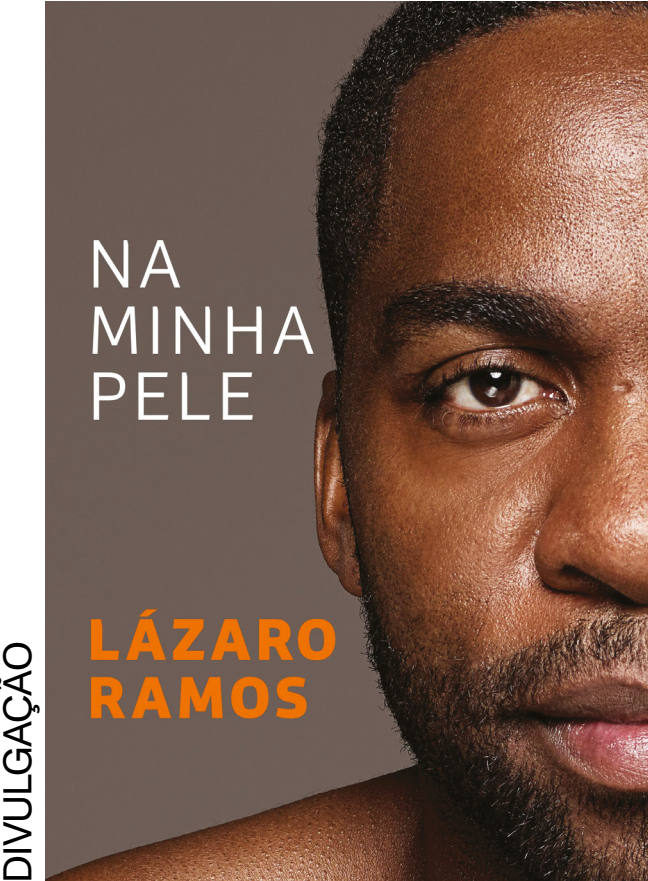
Hoje em dia eu falo de “Insensato Coração” com muita maturidade. Porque foi o aprendizado do quanto a minha autoria é o que me faz um artista diferente. Hoje coloco a minha opinião artística no que vou produzir. Nessa novela, de Gilberto Braga, eu acreditei no presente. Lia o texto e só queria obedecer, não pensava em estratégia narrativa. Naquela época, o público não recebia muito bem alguém com o meu rosto interpretando um homem desejável. Então, no primeiro momento, fiquei muito mal. Mas a equipe de trabalho não abandonou, o autor não mudou nada no texto. Aos poucos ajustei o tom do personagem e, apesar das críticas existentes, uma coisa linda aconteceu: eu estava saindo do estúdio depois de um período de muitas críticas negativas, e tinham dois jovens parecidos comigo que estavam me esperando para dizer para não ligar para quem falava mal, porque eles estavam gostando. “Porque você é nós”, falaram. Esses dois não sabem o que eles fizeram por mim. E aí eu comecei a fazer a novela para esses dois jovens. Logo depois disso fiz “Lado a Lado” como protagonista, e foi sem rejeição nenhuma, novela de sucesso que ganhou o Emmy.

“Quando fui convidado para fazer ‘A Máquina’, no Rio, não aceitei. Wagner me convenceu e é por isso que eu sou tão grato a ele, porque realmente mudou a vida da gente. Fez com que virássemos uma família que pensava em teatro e arte o dia inteiro.”

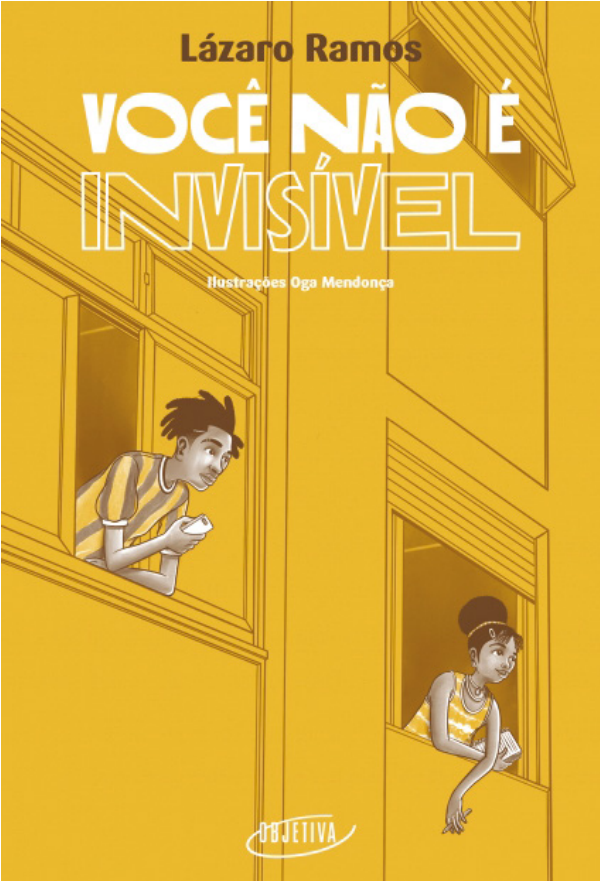
Você sempre foi discreto, mas hoje você e Taís têm uma vida pública e formam um dos casais mais importantes do Brasil. Quando você percebeu que era importante falar de si e das questões raciais, por exemplo?

Foi uma mudança, sabia? Porque no começo eu não queria que ninguém soubesse nada de mim. Achava que o personagem tinha que ser o foco, ninguém tinha que saber o que eu fazia da vida, como eu me vestia. Mas o tempo passa, a gente virou um casal referência. As pessoas ficam muito curiosas. O que me incomodava era que, por ter opinião, por estudar e saber falar sobre as questões raciais, as únicas curiosidades eram sobre esse assunto. Mas, ao mesmo tempo, eu sentia que poucas pessoas tinham a oportunidade de ter um microfone na mão para provocar, para levar informação. Era um conflito. Se por um lado pouca gente tinha a oportunidade de falar, por outro lado eu não queria só falar sobre isso. Para equilibrar foi com muita mandinga. Comecei a provocar durante a conversa e falar assim: “Você está reduzindo esse personagem à questão racial, mas deixa eu falar aqui sobre o processo criativo”. Por exemplo, o Foguinho é um personagem que eu estudei Charlie Chaplin para fazer.

ALGUMAS OBRAS



2017



2022



2022



2025

“Quero ser o pai presente, que vai dar bons conselhos, ajudar a esposa, dividir todas as tarefas. Isso era um conceito intelectual para mim. Quando veio pelo afeto, o prazer que eu tinha de dar banho, de cantar para ele... pensei que precisava contar para as pessoas que é massa ser pai.”



*Com Vladimir, Wagner e
Gustavo Falcão no palco
com “A Máquina”*

O QUE TEM VISTO NA TV

“Todos os dias assisto a um filme ou uma série”, conta o ator. Veja algumas de suas dicas:



- **“Hacks”**, que é uma série de humor, da HBO, e acho maravilhosa.
- **“Comeback”**, com a Lisa Kudrow, que é muito boa.



- **“Sinners”**, o filme que venceu o Oscar de melhor ator. O que é aquele número musical? Tem um plano sequência que é uma aula de cinema.

E NO DIGITAL:

“Eu tenho dois celulares, porque tenho tendência a vício. Um fica com as redes sociais e esse aqui com o WhatsApp. Tenho todo tipo de aplicativo de edição, de limpeza de som, eu edito meus vídeos, eu faço tudo isso aqui. Mas o de rede social eu preciso deixar distante.”

1.



2.



3.



4.



1. *Como Foguinho, em “Cobras e Largartos”, dividindo cena com Taís, em 2007*
2. *Em 2011, o André de “Insensato Coração”: representatividade*
3. *Em “Lado a Lado”, em 2012, com Camila Pitanga; novela ganhou Emmy*
4. *“A Nobreza do Amor” traz Jendal, seu primeiro vilão*

Sim, tem muito estudo por trás de todo o seu trabalho. E você sabe dizer de onde veio essa consciência social que você tem?

Meu pai não me deu uma bicicleta, mas me deu a Barsa. Ele não falava sobre estudos comigo, mas me colocou em uma escola particular. E quando eu entrei no grupo de teatro conheci Zebrinha, um grande coreógrafo. Ele me apresentou teses, artistas, profissionais, perspectivas e fiquei mais politizado. A grande atuação política dele foi ver esses jovens talentosos, negros ou de periferia e dar a eles uma injeção de ânimo e informação.

Zebrinha foi um segundo pai para você, mas ser pai também reorientou sua vida, não foi? Você sempre soube que seria bom nisso?

O meu preparo para ser pai foi, primeiramente, intelectual. Eu não tinha muita referência de qual tipo de pai eu seria. Mas tinha noção de que não poderia ser um pai ausente. Durante a gestação de Taís, eu não entendia nada do que seria ser pai. Quando João nasceu, eu pensava: preciso ter emprego, preciso ser um exemplo, será que vou conseguir sustentar essa criança, será que vou conseguir dar banho? Ficava apavorado com tudo. Hoje falo muito sobre paternidade responsável, presente. O tempo foi passando, fui entendendo afetivamente que lugar é esse e foi muito legal porque veio junto com prazer. É desafiador, é difícil, põe à prova o tempo todo. Mas é legal.

E qual é a fase desafiadora do momento?

Eles agora estão entrando na adolescência e eu ainda não fiz a transição deles serem crianças para serem adolescentes. Ainda fico querendo tratá-los como criancinhas. Estou tendo um outro aprendizado, para entender as demandas, a autonomia. Outra dificuldade foi que eu achava que tinha que ensinar firmeza e resistência, mas a afetividade e o sentimento... para isso eu não tinha tanto repertório ou vocabulário. Fui desenvolvendo aos pouquinhos. Meu pai foi muito presente, mas não era um cara de abraçar, de falar sobre sentimento.

Como era a sua relação com ele?

Ele me dava conselhos sobre ética, sobre justiça. Mas não falava sobre dúvida, sobre namoro, sobre imprecisões. E é

muito bonito porque eu me lembro do dia em que a gente destravou isso. Acho que esse fato me transformou em um outro pai. Nós nunca brigamos, mas nesse dia estávamos discutindo e eu falei assim: “Mas o senhor nunca me abraçou”. Aí ele falou: “Porque eu sou tímido, eu estava esperando você me abraçar”. Dei um abraço demorado, foi tão lindo e eu fui reconhecendo inclusive as atitudes como avô.

Foi esse lugar de pai que te levou a escrever literatura infantil? Como foi esse processo?

Os primeiros livros que escrevi foram para a criança que fui. Para escrever sobre os assuntos que queria ter discutido na minha infância e que eu não tive acesso. Então, o primeiro livro foi sobre o uso responsável de tecnologia. Livros para a gente se reconhecer como herói e como protagonista. Depois que meus filhos nasceram, comecei a escrever para os adultos que gostaria que eles fossem. Para plantar sementes neles. Aí é sobre amizade, criatividade, o direito e o prazer de brincar.

Mas foi assim que nasceu o desejo de escrever?

Eu sempre escrevi. Era tímido e a maneira de eu colocar minhas ideias no mundo era no papel, mas eu achava que o que escrevia não tinha valor e não mostrava para ninguém. Eu só tive coragem de mostrar um texto meu por causa do desemprego. Eu vim fazer “A Máquina” aqui no Rio de Janeiro e voltei para a Bahia sem espaço para mim no teatro. Não tinha nenhum trabalho e, em uma noite de insônia, escrevi uma peça de teatro inteira, baseada no movimento cultural que tem na ilha de onde vem minha família. No dia seguinte, mostrei para os amigos. Eles acharam bom e nós montamos. Se eu não tivesse ficado sem emprego, nunca teria mostrado um texto para alguém. E a partir daí eu comecei a escrever constantemente e a mostrar e a publicar.

“Ao longo da minha carreira de criador, encontrei várias pessoas que tiveram essa generosidade de estar do meu lado para me apoiar, caso eu precisasse, mas que nunca silenciaram a minha originalidade. Isso é muito legal.”



Foi assim com “Medida Provisória”, a vontade de dirigir?

Ali eu ofereci para vários diretores amigos meus, todo mundo tinha seus projetos e ninguém queria fazer. Comecei a organizar um texto, um roteiro e mostrei para Daniel Filho, para ele me ajudar a produzir. Ele disse que eu tinha que dirigir e ia me ajudar, mas nunca deu uma opinião. Ele só falou para me deixar seguro. O “Medida Provisória” é um experimento de linguagem. Ele não obedece às regras cinematográficas, mas eu tinha consciência do que estava fazendo para o momento que o Brasil estava vivendo: provocar uma discussão para a pessoa sair do cinema e conversar.

Você acha que o cinema brasileiro pós-pandemia teve uma mudança importante? O Brasil aprendeu também a ser mais mainstream?

Para mim é algo muito positivo. A gente passou por um período de seca, principalmente após a pandemia, porque o único modo de sustento mais viável para a maioria das produtoras era ser prestador de serviço para o streaming. Muitas produtoras começaram a ser supervisionadas pelas gestões de streaming que têm critérios específicos. Mas, para entender a brasilidade, a gente tem que falar também sobre as comédias brasileiras. São filmes que falam sobre a nossa realidade, com excelência técnica, com ótimas atuações e que nos tocam intimamente, a gente não está querendo imitar ninguém. Cada filme tem sua linguagem de venda, temos direito de ter 2 milhões de espectadores em um filme e 100 mil em outro.

Lázaro, você já disse que seu lugar é onde você sonha estar. Você está onde sonhava?

Poxa, eu estou além. Durante muito tempo, as minhas escolhas eram mais para provar algo do que para exercer com excelência a minha profissão. Hoje em dia eu não estou querendo provar nada para ninguém. Eu tenho objetivos de comunicação, temas que eu quero falar, me dedico para fazer isso, mas eu tenho uma certeza e uma firmeza muito maior. Tinha insegurança, medo da escassez, de não ter outros convites, de ninguém me chamar para mais nada. Agora estou ocupando esse lugar com essa tranquilidade, é uma experiência única. ▀

A close-up portrait of chef Oscar Bosch, a man with short dark hair and a light beard, looking directly at the camera. He is wearing a dark blue apron over a dark t-shirt. The background is a warm-toned wooden wall with vertical slats.

O mar de sabores de Oscar Bosch

TEXTO CÍNTIA MARCUCCI

FOTOS BRUNO RONDINELLI

Há 16 anos no Brasil, o chef catalão é hoje uma referência em São Paulo quando se fala de gastronomia espanhola e navega da tradição à inovação em seus restaurantes

Passava um pouco das 10h30 de uma terça-feira quando Oscar Bosch chegou, tirando o capacete e pedindo desculpas pelo atraso. “Meu filho teve febre essa noite, então a rotina toda ficou um pouco bagunçada”, ele explicou enquanto cumprimentava a equipe da Velvet no salão do Cala del Tanit, no bairro paulistano do Itaim. Passar um tempo com o filho de 1 ano e 2 meses pela manhã é uma das tarefas do chef catalão, que no resto dia dá conta de cinco restaurantes e de uma rede de sorveterias. Tudo em São Paulo. Os fins de tarde também são em casa. “Faço questão de dar banho e de estar no momento de pôr para dormir”, ele conta, admitindo que tem dias que, mesmo cortando o trânsito da metrópole em sua moto, não consegue chegar a tempo.

A rotina diária também inclui praticar esporte pela manhã, antes de passar logo cedo pelo Tanit, nos Jardins, sua primeira casa e a mais dedicada à culinária espanhola propriamente dita. O local completou 10 anos em 2026 e foi incluído em abril na lista Bib Gourmand do Guia Michelin, que indica restaurantes que têm “excelente relação entre qualidade e preço”. Nessa parada matinal, aproveita para dar uma checada no vizinho Nit, um bar de tapas. De lá, segue para o Cala del Tanit, que explora uma cozinha mediterrânea mais abrangente e é onde ele resolve reuniões e problemas diversos antes de se juntar à brigada na grelha para o serviço de almoço. É nesse momento que olha para as necessidades do Marmotta Pasta Bar, que abriu com outros dois sócios (Pedro Siqueira, do carioca Sisi Cucina, e Pedro Oliveira, que já trabalhou no Vista), na mesma vizinhança. Quando cai a noite, parte geralmente para o Bodega Pepito, bar inaugurado no fim de 2025, em Pinheiros. No meio de tudo isso, ainda dá uma olhadinha nas necessidades da Mooi Mooi, sorveteria que tem em sociedade com sua companheira, Mel Kolanian. Ufa.

“Eu cozinho no meu restaurante o que eu gosto de comer, o que eu acho que agrada o paladar e por isso creio que as casas fazem sucesso.”

Essa impressionante trajetória na gastronomia paulistana, que o levou de zero a seis empreendimentos em uma década, começou de verdade quando Oscar chegou ao Brasil, em 2010. Ele já frequentava o país havia vários anos como turista quando resolveu se mudar. Chegando aqui, trabalhou no extinto Eñe, cozinhou em jantares privados e chegou a ter uma linha de croquetas espanholas comercializadas em outros restaurantes e em empórios como a Casa Santa Luzia. “Sempre senti uma grande sintonia com o Brasil e, apesar de não ter sido fácil me estabelecer por aqui no começo, resolvi ficar e ter meus próprios restaurantes”.

Nascido na cozinha

A relação de Oscar com a cozinha vem de berço. Nascido na Catalunha, cresceu bem perto de Barcelona, na cidade costeira de Cambrils, onde a família comanda um restaurante de culinária mediterrânea. Não é um endereço qualquer: o Can Bosch é detentor de uma estrela Michelin há mais de 30 anos. Tudo isso tem, claro, influência em seu trabalho. É inevitável que ele tenha passado tempo entre a cozinha e o salão de lá, mas desde cedo Oscar quis sua independência profissional. Foi estudar na Suíça, voltou para a Espanha e passou por restaurantes de grande importância no cenário mundial, como El Celler de Can Roca, dos irmãos Roca, em Girona, e o já extinto, mas lendário e revolucionário El Bulli, de Ferran Adrià, na Costa Brava.

Isso explica o modo que Oscar pensa suas cozinhas hoje. “A minha técnica é de base europeia e asiática, então é nisso que baseio meus métodos de preparo, como organizo e aprimoro uma receita. Mas tenho cada vez mais me inspirado nos ingredientes da América Latina, como o ají amarillo peruano (um tipo de pimenta comum na culinária do país andino) e desde sempre me encantei pela mandioquinha”, conta ele, que a utiliza quando quer substituir a chirívia ou pastinaca, um tubérculo de sabor adocicado bastante comum na Europa.

“Sou grato ao Brasil. A Europa me formou, mas o Brasil me viu explodir, me viu crescer, viu minha realização como profissional e empresário.”



Um dos pratos que mistura referências do lugar onde Oscar se formou e do continente onde escolheu viver tem o sugestivo nome de “Entre um Polvo à Galega”, e uma “Causa Limeña”, combina polvo grelhado, emulsão de batatas, maionese de azeitonas e ervas frescas. Abaixo, pronto para ser servido; à esquerda, durante o preparo





Em ação: é Oscar que fica na grelha e na finalização dos pratos do Cala del Tanit, no Itaim, em São Paulo, durante os almoços da semana

De certo modo, Oscar sente que hoje seus restaurantes são referência quando se pensa em culinária espanhola na cidade. Antes, o lugar era ocupado pelo restaurante Don Curro, famoso por suas paellas e que fechou as portas em 2019, após mais de 55 anos de serviço, mas que não tinha foco na cozinha espanhola contemporânea. “A gastronomia aqui em São Paulo é maravilhosa, tem muita variedade. Mas nessa pegada mais ibérica não há tantas outras casas com essa especialidade.”

O chef volta para a Espanha duas vezes por ano, mas só como visita. Não pensa em trabalhar no restaurante da família. Ele carrega consigo referências e receitas da cozinha na qual cresceu e ainda troca figurinhas com o irmão (que também é chef) e o pai, mas brinca que a conversa já desanda no meio, pois ele quer fazer a receita ao seu modo. “O arroz negro do meu pai ficou bastante famoso na região e eu faço arroz negro por aqui. Mas é o meu arroz negro, eu faço do meu jeito e adaptado ao paladar brasileiro”. Um jeito saboroso de construir um pedacinho da Espanha no coração de São Paulo e chamar de lar.

CADA NOME, UM SABOR

Os nomes dos restaurantes de Oscar Bosch geram curiosidade e, de certa forma, travam uma harmoniosa conversa entre si.

Aqui ele explica cada um deles:

TANIT

É uma deusa fenícia ligada à fertilidade. Já chamaram o restaurante de Titanic na confusão de sonoridades e Oscar leva na esportiva.

CALA DEL TANIT

Cala, em espanhol, é uma enseada, uma entrada de mar estreita entre rochedos. “É uma região entre mares, por isso digo que faço aqui uma cozinha entre mares. Eu venho do Mediterrâneo e agora estou do outro lado do Atlântico, que é o mar que me fornece peixes e mariscos”. Entrou para a lista Bib Gourmand do Guia Michelin em abril de 2026.

NIT

Além de ser uma parte do nome do primeiro restaurante, nit significa noite em catalão, casando perfeitamente com a função de um bar de tapas.

MOOI MOOI

A expressão que dá nome à rede de sorveterias não tem significado. A sonoridade venceu na hora de escolher as palavras em uma lista feita por uma empresa de marketing.

BODEGA PEPITO

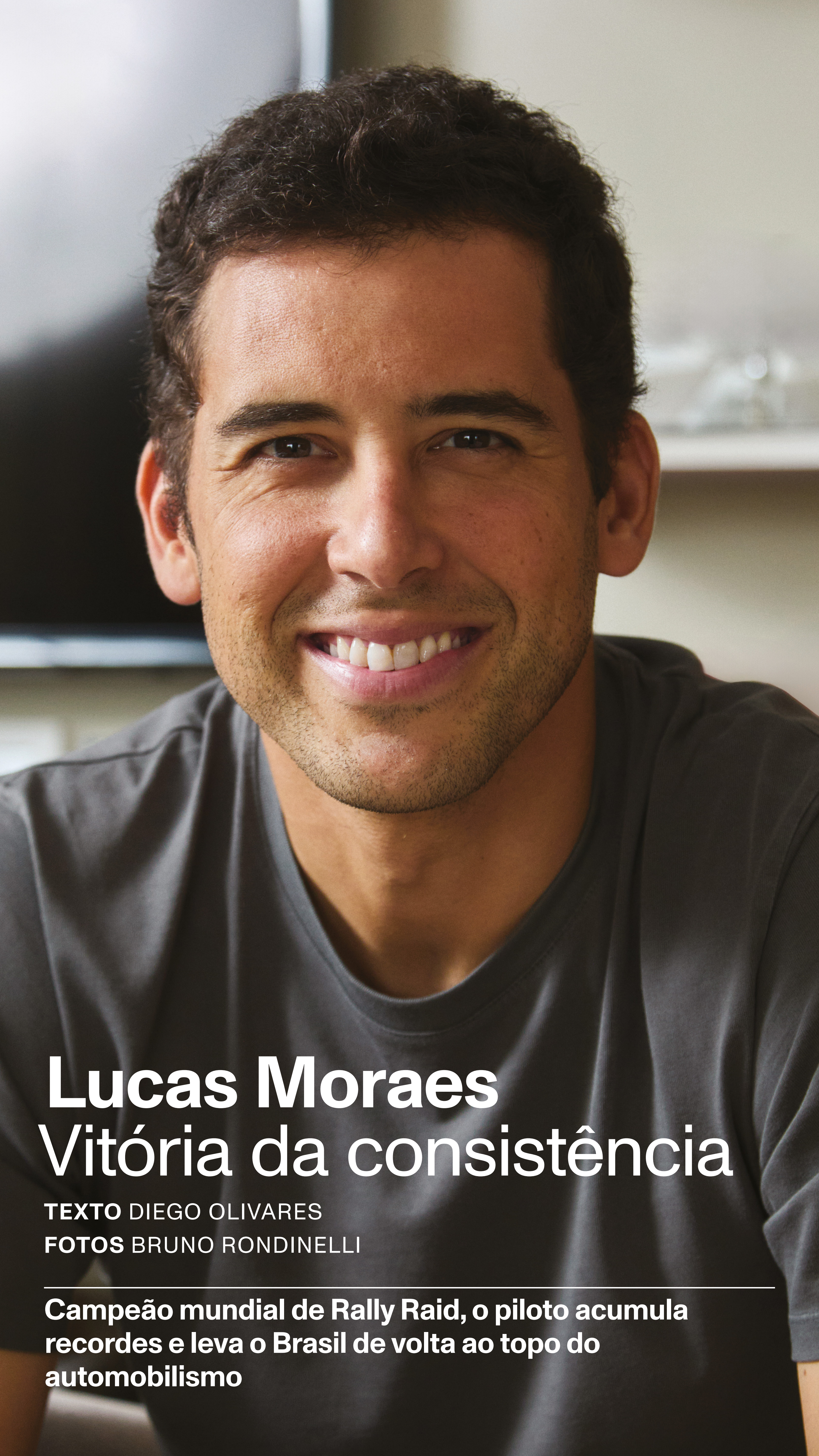
O nome em si não carrega tanta história quanto o local. O bar que, segundo Oscar, tem “o espírito de uma bodega espanhola com a alma de um boteco brasileiro”, fica onde funcionava o Meats e manteve o desenho da cabeça de um porco na parede como forma de homenagem ao local e a seu chef Paulo Yoller, falecido em 2025.

MARMOTTA PASTA BAR

Nesse empreendimento, Oscar fica menos nas criações e na cozinha e mais na administração e gerenciamento. Tem um cardápio com influência da culinária italiana. ▣



A versão da paella e de outros pratos criados por Oscar são ideais para compartilhar e para que ele assegure seu espaço como representante da gastronomia espanhola na cidade



Lucas Moraes

Vitória da consistência

TEXTO DIEGO OLIVARES

FOTOS BRUNO RONDINELLI

Campeão mundial de Rally Raid, o piloto acumula recordes e leva o Brasil de volta ao topo do automobilismo

Não existe nada tão poderoso do que fazer um pouquinho todos os dias”. Esse é o maior aprendizado que o paulistano Lucas Moraes, de 36 anos, diz ter tirado do automobilismo, sua atividade favorita desde os primeiros anos da infância. Piloto de Rally Raid, principal categoria do off-road, ele é um dos grandes nomes atuais de um universo em que o Brasil se acostumou a ser protagonista, pelo menos até o final do século passado.

Filho do empresário Marcos Ermírio de Moraes (membro da terceira geração dos fundadores do Grupo Votorantim e organizador do Rally dos Sertões), Lucas cresceu num ambiente onde a ação nas pistas de corrida, sejam de asfalto ou de terra, era assunto recorrente. Em 1990, com menos de 1 ano de idade, sentou no colo de Ayrton Senna para uma foto, quando o piloto fez uma visita à casa de sua família em Angra dos Reis; 35 anos depois, ao vencer a temporada 2025 do Rally Raid, se tornou o primeiro brasileiro a conquistar um título mundial reconhecido pela Federação Internacional de Automobilismo (FIA) desde que Senna levantou a taça da Fórmula 1 pela última vez, em 1991. “É sempre difícil de acreditar que seu nome está perto desses caras que são grandes ídolos”, reconhece, citando ainda os pilotos Emerson Fittipaldi e Nelson Piquet como representantes dessa linhagem. “Espero que possa ser mais um tijolo nessa construção, para que o automobilismo brasileiro continue crescendo.”

Assim como os campeões em quem se espelha, Lucas começou a competir muito cedo. Aos 4 anos já participava de corridas de motocross voltadas às crianças, em veículos de 50 cilindradas. “Virou um programa super de família. Todo final de semana ou ia para o interior treinar, ou ia para uma provinha com o meu pai, e eu amava aquilo”, relembra. Dali em diante, passou boa parte de seus dias sentado numa moto, acelerando por circuitos sinuosos, com altos e baixos que convidam a acrobacias de impressionar o público. Aos 15 anos, assinou seu primeiro contrato para correr profissionalmente, e uma carreira sobre duas rodas começou a deslanchar. Optou

“O mais importante no rally, além de ser rápido, é ser constante. É você estar sempre ali. Não adianta nada ganhar uma etapa e chegar em 18º em outra.”

*Lucas fazendo o carro
“voar” em Dakar 2026*



DACIA/DIVULGAÇÃO

por não fazer faculdade para se dedicar integralmente ao esporte, mas viu os planos derraparem ainda no final da adolescência, quando descobriu uma grave lesão no quadril. As dores intensas o impediam de manter a rotina de treinos, e competir em alto nível logo ficou inviável. “Foi um momento de olhar para dentro e perceber que eu teria que fazer outra coisa da minha vida”, conta.

Foi aí que um diploma universitário voltou ao horizonte. Lucas então cursou Administração na FAAP e partiu para o Vale do Silício, a terra prometida da inovação tecnológica,

localizada na região sul de San Francisco, nos Estados Unidos. Era 2013 e as conversas sobre o poder da Inteligência Artificial começavam a apontar caminhos que poderiam impactar milhões de pessoas.

REORGANIZAR A ROTA

Em território norte-americano, conheceu o também brasileiro Cristiano Oliveira, com quem criou a startup Olivia, um serviço por aplicativo que utilizava I.A. e noções de economia comportamental para mapear hábitos de consumo do usuário e sugerir uma rota para cortar gastos, poupar dinheiro e organizar suas finanças. Com a ideia na bagagem, retornou ao Brasil e colocou a startup como seu foco principal. De cabeça mais leve e com uma prótese no quadril, ensaiou um regresso às pistas em 2018, ainda como hobby, e dessa vez trocando o guidão pelo volante de um carro. Seu pai havia montado uma equipe para disputar o Rally dos Sertões, e Lucas aproveitou uma folga do trabalho e decidiu participar da prova. Mas, para quem nasce destinado a vencer, é impossível algo assim ficar apenas na brincadeira. Logo na primeira vez em que competiu, ficou em quarto lugar. No ano seguinte, tornou-se o mais jovem campeão do evento.

Sentir aquele gosto de sucesso nas pistas novamente o colocou diante de uma bifurcação. “Eu falei, ‘poxa, isso aqui é muito legal, mas eu tenho a Olivia para tocar e o negócio está indo bem.’” O panorama mudou em 2021, quando o Nubank comprou a tecnologia da startup, com o intuito de incorporá-la à sua plataforma, tirando o negócio das mãos dos criadores. “Era a oportunidade de abrir um terceiro capítulo na minha vida e voltar a ser atleta, que é o que eu mais amo fazer”, diz. Confiante, disputou uma etapa do Mundial de Rally, ainda sem equipe, para saber como se sairia. Terminou em terceiro lugar e chamou a atenção da equipe Red Bull, que o convidou para ser seu piloto na edição 2023 do Rally Dakar, a prova de resistência mais longa, tradicional e desafiadora do automobilismo off-road. “Aquilo sempre me pareceu uma coisa muito distante. De repente minha vida estava se transformando mais uma vez”, relembra.

Ao contrário da época de juventude, a mudança de rumo agora também teria que ser negociada com Fernanda, sua



Em casa, as memórias da disputa (acima); ao lado, o momento do pódio em Dakar 2026





esposa, com quem já tinha uma filha de 2 anos e outro filho a caminho. “A Fernanda é uma grande parceira, ela é um pilar superimportante para a minha carreira. Estava comigo quando recebi a ligação da Red Bull e viu o quanto aquilo mexeu comigo”, afirma.

Se depender de exemplo, os filhos não vão demorar para querer quebrar marcas precocemente. Em seu currículo, desde que abraçou em caráter definitivo a profissão de piloto, há apenas três anos, estão recordes como o primeiro brasileiro no pódio geral do Dakar (2023), primeiro brasileiro a vencer uma etapa do Dakar (2024) e, finalmente, primeiro brasileiro a vencer o mundial de Rally Raid.

VELOZ E SEMPRE

Enquanto corre pelos circuitos da Europa e do Oriente Médio carregando as cores do Brasil, Lucas Moraes tem a oportunidade de entrar em contato com outras culturas e aprender a conviver com diversas visões de mundo. “Uma das coisas que mais gosto é poder estar em lugares onde a religião é diferente e aprender com essas pessoas”, resume o piloto, que teve uma formação católica, e hoje diz ter acrescentado à sua fé elementos de outras crenças, por conta das experiências em viagens.

Uma característica brasileiríssima que ele não abre mão, porém, é a capacidade de batalhar e acreditar até o final, sem desistir. “Brinco que o título mundial no ano passado veio não aos 45, mas aos 48 minutos do 2º tempo”, diz, numa referência ao fato de seu principal concorrente, o catariano Nasser Al-Attiyah, ter sofrido uma punição nos últimos momentos, abrindo a possibilidade da conquista para Moraes na pontuação total. “Você não precisa necessariamente ganhar etapas do tour para ser campeão, mas ficar bem posicionado. Eu tenho buscado essa consistência”, conclui, demonstrando que assimilou mesmo aquilo que aprendeu ainda criança: um pouquinho todos os dias pode levar longe. ▣

“A parte mais difícil é ficar longe de meus filhos em alguns momentos do ano por causa das corridas. Mas eu tento ser um exemplo para eles de alguém que corre atrás das coisas e faz acontecer.”



ALE CATAN/DIVULGAÇÃO

Mutante dos palcos Mel Lisboa

TEXTO BARBARA DEMEROV

Com 25 anos de carreira, Mel Lisboa navega entre o sucesso do musical sobre Rita Lee, novos projetos e a rotina comum de ir ao mercado e cozinhar

Entre o sinal de que a peça está prestes a começar e os segundos na coxia que antecedem o início de um espetáculo, não existe momento exato em que Mel Lisboa some para dar lugar às suas personagens. Mesmo se tratando de alguém como Rita Lee, artista que já interpreta há mais de uma década, para ela não há método específico, muito menos uma fusão especial: “Depois que a cortina se abre, sou a Mel de peruca, óculos e figurino de Rita Lee, interpretando a Rita Lee.”

Rita entrou na vida de Mel em 2014, inicialmente para a peça “Rita Lee Mora ao Lado”. Atualmente, ela está em mais uma temporada de altíssima procura com outro espetáculo, “Rita Lee, uma Autobiografia Musical” em São Paulo, cujo texto é inspirado na obra escrita pela própria cantora, que partiu em 2023. Mel construiu uma relação de longa duração com essa figura que segue atravessando gerações. Ela canta, dança e fala como Rita de um jeito natural e comovente. No fim da noite, contudo, o que resta é simplesmente a execução de um papel que já havia sido todo resolvido bem antes, na sala de ensaio e no acúmulo de experiências ao longo de 25 anos de carreira.

Tal consciência de Mel não diminui o efeito que sua bela performance tem nas pessoas. Na verdade, talvez até o amplifique. Em turnê pelo Brasil afora, ela percebe como cada plateia altera o espetáculo a cada noite. “A plateia faz a peça com a gente”, afirma.

Especialmente após a morte da rainha do rock brasileiro, aos 75 anos, Mel é o receptáculo de lembranças que não a pertencem, mas que acabam aquecendo seu coração e deixando inspiração de sobra para as novas apresentações. Ao longo da última década, antes e depois da partida de Rita, a atriz nascida em Porto Alegre sempre encarou a responsabilidade da mesma forma. A principal diferença está no prazer que as pessoas sentem de ter, por alguns instantes, a impressão de estar na presença dela.

DISTANCIAMENTO SAUDÁVEL

Seu primeiro trabalho na TV foi aos 19 anos, em “Presença de Anita” (2001), produção da Globo que a alçou ao estrelato. Após o sucesso da minissérie, participou de novelas como “Desejos de

Mulher” (2002) e “Como Uma Onda” (2004), e filmes como “Sonhos e Desejos” (2006), que lhe rendeu um Kikito no prestigiado Festival de Gramado. Da Globo, foi para a Record e atuou nas novelas “Sansão e Dalila” (2011), “Pecado Mortal” (2013) e “Os Dez Mandamentos” (2015). No streaming, viveu Thereza na série “Coisa Mais Linda” (2019), produzida pela Netflix.

Agora, aos 44 anos, não espera mais os convites aparecerem à sua porta. “O mercado mudou e está mudando. Hoje em dia, sou mais ativa na escolha, no sentido de que muitas coisas sou eu mesma que produzo ou são trabalhos em que atuo como parceira”, ela diz.

DO ONLINE PARA OS PALCOS

Um desses projetos é a reestrela do solo “Madame Blavatsky — Amores Ocultos”, com texto de Cláudia Barral e direção de Márcio Macena, que também assina o espetáculo sobre Rita Lee ao lado de Debora Dubois. “Perguntei se poderia adaptar esse texto, se o Márcio toparia dirigir e se comprariam um espetáculo que eles não sabiam como seria. Todos toparam”, comemora.

A primeira versão nasceu na pandemia, ainda em formato remoto, e depois ganhou uma montagem presencial em 2023, no Teatro Vivo, em São Paulo. Em cena, Mel interpreta uma atriz que recebe o espírito de Helena Blavatsky (filósofa russa do século 19 e fundadora da teosofia) para narrar sua própria história. “A gente faz essa brincadeira entre realidade e ficção”, diz. O resultado é um jogo teatral em torno de uma figura ao mesmo tempo influente e pouco conhecida. “O texto é belíssimo. As pessoas saem mexidas, querendo conhecer mais.”

Fora essas duas montagens, Mel também esteve recentemente em cartaz nos cinemas com o drama político “A Conspiração Condor”. Diz ainda que se interessa em trabalhar, em algum momento, com textos clássicos, tragédias gregas ou até mesmo com tramas protagonizadas por personagens reais. “Estou sempre pensando lá na frente. Os convites surgem e quero que eles surjam, evidentemente, mas não quero mais depender apenas deles”, destaca.

MATERNIDADE REAL E VIDA PRÁTICA

Se a área profissional demanda disciplina, o lado pessoal tam-

bém caminha pela mesma direção. Claro que a palavra “rotina”, quando inserida na vida de uma artista que transita pela TV, pelo cinema e pelo teatro, não é a mais adequada em determinados momentos, como, por exemplo, quando está viajando por diferentes estados com o musical de Rita. Mas Mel sempre reconheceu a importância de seu ofício para o bem-estar pessoal. “Fundamentalmente, o trabalho faz parte de mim. Meus filhos, que já estão crescidos [Clarice tem 13 anos e Bernardo tem 16], respeitam muito isso.” Mel relembra, quando eles eram menores, de uma tentativa específica de conciliar sua vida em casa com a vida profissional, em que se mudou temporariamente para o Rio de Janeiro com os filhos por causa de uma novela, mas a experiência trouxe outro aprendizado. “Fiz um movimento enorme para mudar de cidade, pois eles eram pequenos, e aí a novela acabou em seis meses”, conta. “Ali eu entendi que a rotina deles era mais importante, já que o meu trabalho não tem um cronograma sempre. Eu precisava me adequar mais a eles do que eles a mim.”

Atualmente, quando fora da luz intensa do palco, o dia a dia de Mel se aproxima mais do cotidiano comum do que da ideia de uma atriz em constante movimento e glamour. Durante temporadas em São Paulo, onde mora, o dia começa cedo e se divide entre tarefas domésticas, filhos e trabalho. “Eu tenho um dia como todo mundo. Levanto, levo meus filhos para a escola, faço compras, cozinho, faço meus exercícios... Depois vou ao teatro, trabalho e volto para casa”, afirma.

FRIO NA BARRIGA

Mel Lisboa possui um cuidado admirável com cada um de seus projetos e fala deles com orgulho. Vendo de fora, até pode parecer que ela já se acostumou tanto com os desafios profissionais que uma possível inquietação não faz mais parte de seus

“Gosto da separação que existe entre personagem e pessoa real. O indivíduo se sobressai. Essa separação me protege em termos psicológicos, emocionais e físicos. Eu não sou as personagens que eu interpreto, nem nunca serei. Apenas as interpreto. Diferenciar isso é muito importante para mim.”

dias. Mas isso é pura ilusão. Se há algo que não se altera com o tempo é a presença constante do risco. Mesmo em trabalhos consolidados, tal como o musical de Rita Lee, a segurança nunca é total. “Eu tenho que dar meu melhor sempre”. O nervosismo continua especialmente em territórios menos dominados. “Cantar, para mim, ainda é um desafio mesmo... toda vez que eu vou entrar no palco para cantar, fico nervosa.”

É justamente esse frio na barriga que se transforma em movimento. “Eu sou movida a desafios”, diz. Mel ainda lembra uma frase de Rita registrada em uma de suas autobiografias que diz que “o palco é o lugar mais seguro para se viver perigosamente”. E reforça que é lá mesmo onde tudo acontece. “É onde a gente pode arriscar e vai errar inevitavelmente. Um lugar para aprender com os erros e celebrar os acertos.” ▮



JOÃO CALDAS/DIVULGAÇÃO

“RITA LEE, UMA AUTOBIOGRAFIA MUSICAL”

Teatro Porto

Alameda Barão de Piracicaba,
740, São Paulo — São Paulo

Temporada:

12 de Junho a 30 de Agosto
Sexta e sábado, às 20h,
domingo, às 17h



Lilian Pacce

Desbravando caminhos

TEXTO LUCAS VASCONCELLOS

Nome emblemático na cobertura de moda brasileira, a jornalista atualmente volta seu olhar para as artes visuais e se empenha em mostrar os talentos nacionais para o mundo

É impossível pensar em moda nacional e em coberturas de semanas de moda para veículos brasileiros e não associar ao nome de Lilian Pacce. Afinal, quando o tema ainda ocupava pouco espaço nos noticiários, ela ajudou a torná-lo relevante, mostrando que podia ser muito mais do que apenas algo lido superficialmente. A relação de Lilian com a moda começou na década de 1980, no jornal Folha de S.Paulo, por acaso. Ela cobria arte e, por pedidos da chefia, começou também a falar sobre looks e passarelas. “Eu aprendi fazendo e fui totalmente autodidata, nem existia a faculdade de Moda no Brasil. Comecei a entrevistar as pessoas, a ler... nossas fontes de informação eram livros, revistas brasileiras e importadas, que esperávamos chegar às bancas, com dois ou três meses de atraso. Se alguém ia viajar e trazia a do mês, eu comemorava. Era muito diferente a relação com a informação, as coisas tinham maior durabilidade”, conta.

Quando o caderno Ilustrada, em que trabalhava, passou por uma reformulação, Pacce foi questionada por seu então editor sobre qual caminho enxergava para o jornal em relação à moda. A ideia era expandir a seção que entrava apenas aos domingos e colocá-la como parte da cultura diária. Foi então que sugeriu a oportunidade de cobertura dos principais desfiles do eixo Paris-Milão-Londres-Nova York, assim como era feito com os eventos de arte e cinema. “Tiramos a moda desse preconceito que era algo feminino e mostramos esse aspecto sociocomportamental. É um jargão, mas a moda é reflexo do tempo. Você vê fotos de determinada época e entende pela roupa o que estava acontecendo ali”, ela conta.

Nesse processo, Lilian se empenhou para não tratar o assunto de maneira arrogante. “Eu sempre achei a maneira esnobe de agir no mundo fashion muito ultrapassada e a gente não ganhava nada se portando assim. Eu sempre tive essa premissa de ser o mais amigável possível com o leitor e telespectador”, reflete. Além das páginas dos principais jornais

“Vejo esses closets de 200 metros quadrados e acho indecente porque a pessoa não tem nem tempo de vida para usar tudo aquilo. Acho que essa coisa de ter cada vez mais é insegurança.”

e revistas, Lilian também foi uma das precursoras em levar a moda para a TV. Entre vários projetos, comandou por 18 anos o GNT Fashion, no canal GNT, e lançou livros como “O Biquíni Made in Brazil” (ed. ArteEnsaio), “Pelo mundo da moda: Criadores, grifes e modelos” (ed. Senac), “Ecobags: Moda e meio ambiente” (ed. Senac) e “Herchcovitch; Alexandre” (ed. Cosac & Naify). Também lecionou em faculdades de prestígio como FGV, FAAP, Anhembi Morumbi e Senac.

O AMANHÃ

O olhar para o futuro permitiu à jornalista enxergar a importância da sustentabilidade na moda. Em 2008, ela foi pioneira ao trazer o tema para seu site e criar a área Recicle-se. “Fui muito impactada pelo documentário do Al Gore ‘Uma Verdade Inconveniente’, que tinha sido lançado em 2006. Entendi que não existe moda do futuro que não passe por questões como meio ambiente e sustentabilidade. Na época, o mercado ficou meio em choque, sabe? Entendiam como contraditório”, relembra o período em que ainda era raro que criadores se voltassem para o tema. Embora a sustentabilidade tenha se popularizado com os anos e existam mais iniciativas, Pacce reconhece que o mercado ainda precisa adotar mais práticas regenerativas, criando biomateriais inovadores para que, com o tempo, possam substituir outros populares, como o poliéster.

A inquietação com o amanhã fez com que, há alguns anos, ela se mudasse para Londres, onde fez mestrado na University of the Arts London, em 2023, e encabeçou o “Brazil: Creating Fashion for Tomorrow” (BCFT), projeto que acontece anualmente durante a London Fashion Week e tem como missão promover exposições e debates que destacam a criatividade, a inovação e as práticas regenerativas de designers, pesquisadores e artesãos brasileiros, guiados por valores socioambientais. De volta ao Brasil desde o início do ano, ela mora com o marido, o jornalista Leão Serva, com quem é casada há 40 anos e tem três filhos.

“A moda é um reflexo da sociedade, do indivíduo, da personalidade, mas não está no valor monetário. Está nas escolhas que fazemos.”



No evento London Climate Action Week 2026, com Cameron Saul, Renata Schmulevich e Samela Sateré Mawé

Em 2025, o BCFT foi realizado durante a Semana do Clima, em Londres. “Foi uma oportunidade maravilhosa porque os próprios organizadores viram que seria muito importante a moda ganhar protagonismo também na discussão da crise climática. A exposição tem um tripé que é moda, inovação e sustentabilidade. A gente leva novos materiais, alguns que ainda estão sendo desenvolvidos e que de repente alguém vê e investe para produzir em grande escala”, anima-se.

A pesquisa do que será abordado na BCFT leva meses. Para 2026, o tema escolhido foi a caatinga. “Pouco sabemos sobre as regiões desse bioma, que tendem a ser muito sustentáveis porque, como é uma área de recursos escassos, eles sabem aproveitar tudo”, ela diz. O tema, aliás esteve na exposição “Caatinga: Stitching Resilience”, durante a London Climate Action Week, em junho. É dela também a curadoria da exposição imersiva “Natureza Tecida — Somos Um Único Fio”, de Sandra Anselmi, que pode ser vista até o fim agosto no Mata Lab.



Com o marido, Leão Serva, e se graduando em Curating and Collections na Universidade de Artes de Londres

BRASIL COM S

Desde quando começou a frequentar os principais circuitos de moda pelo mundo, Lilian tem o hábito de se vestir com marcas brasileiras nas coberturas. Na sua vida cotidiana também pouco usa grifes internacionais. E, como conta, as pessoas sempre se interessavam pelo que ela vestia. Hoje, com o Brasil em destaque em outros espaços, como a cerimônia do Oscar, ela se orgulha ao ver conterrâneos usando peças nacionais. “A gente tem talentos aqui. Então, quando você está representando seu país, por que não alavancar outras áreas correlatas ao que você está promovendo?”, questiona.

A missão é levada a sério tanto na Inglaterra quanto no Brasil, para onde vem com certa frequência. “Na minha pesquisa das artes visuais, estou muito focada em projetos feitos por mulheres e técnicas que antes não eram consideradas arte, como o bordado”. Os próximos passos, como o caminho que tem traçado, são promissores. O “Brazil: Creating Fashion for Tomorrow” logo estará nos calendários de outros países. As exposições, para ela, são como uma plataforma de conexão com o público, despertam as pessoas para uma inquietação — seja esse um sentimento bom ou ruim — que mexe com elas. Fomentar a transformação é um projeto do qual Lilian Pacce entende faz tempo. ▀



O CINZA ELEGANTE DE EDUARDO TOLDI

TEXTO EDUARDO VIVEIROS

O estilista brinca com o próprio nome e a cor favorita para batizar sua marca, a Egrey, cuja essência é a simplicidade

ALEPH LOUREIRO/DIVULGAÇÃO

A primeira porta da Egrey ficava na rua da Consolação, em São Paulo. E era, inicialmente, bem menor do que a memória deixaria enganar, em uma sala de vinte metros quadrados revestida com uma chapa de metal ondulada. Estamos em 2013, dois anos depois do surgimento da marca. Eduardo Toldi encapou o lugar com o tal canelado industrial, preparou o chão de cimento e pronto: era a loja mais despojada dos Jardins, uma cápsula experimental. “Era o que eu podia pagar, os materiais mais simples possíveis. Mas tinha muito charme, uma proporção de ambiente e uma luz gostosa”, relembra.

Em abril de 2026, esse ponto mudou-se para um imóvel a 200 metros do endereço original. O espaço agora tem 480 metros quadrados e carrega a assinatura poderosa do Metro Arquitetos Associados, escritório de Martin Corullon e Gustavo Cedroni, que assinam o Edifício Pietro Maria Bardi, também conhecido como “o novo prédio do MASP”. Na nova casa, Toldi pôde se esparramar com suas roupas em um espaço de concreto bruto, mármore branco e sucupira. Aquela chapa de metal ficou para trás, mas permanece a lógica de fazer mais com o essencial, sem ornamento que não cumpra função. É uma filosofia que Eduardo aplica tanto ao espaço quanto à sua moda. “Um bom tecido, uma boa modelagem e um bom acabamento bastam para deixar a pessoa bem”, comenta.

Nascido e criado em São Paulo, Eduardo chegou a esse mundo por uma curva improvável. Estudou Economia, estagiou no setor financeiro e começava a traçar um caminho convencional de carreira quando a crise de 2008 arrasou suas certezas. Porém, a quebradeira no mundo dos investimentos apenas tornou inevitável algo que já estava latente. “Eu gostava da dinâmica de trabalhar no banco, acho que tinha uma coisa que também tem na moda, que é esperar a novidade e tentar prever o futuro”, conta. “Mas ali não há a parte da criação, não é um ambiente bonito. Isso me fazia falta, é algo que me alimenta”.

Pensamento natural para o rapaz que cresceu cercado pela moda. A mãe Eloísa foi dona de confecção; o padrinho, José Kalil, sócio da Fiorucci no Brasil ao lado de Gloria Kalil, com quem era casado. E a avó, Elena Kalil Mahfuz, musa da sociedade paulistana (e do neto, naturalmente), foi

considerada uma das mulheres mais elegantes do mundo pela revista Time nos anos 1970. “Ela é uma influência inegável. Se você pegar qualquer peça do guarda-roupa dela, de qualquer período da vida, é muito atual, pois ela tinha um olhar afiado.

Sob tantas influências, a Egrey surgiu em 2011, depois da venda de um Golf, carro comprado com o salário de estagiário, para investir na ideia — tal qual Giorgio Armani, que começou seu império depois de liquidar um Fusca branco. Também assim como o italiano, Toldi chamou a atenção do mercado com uma moda que parte do código urbano para abraçar um design que foge do jogo das tendências. A tríade “tecido, modelagem e acabamento” é um mantra para todas as suas linhas, além da busca pelo conforto. A Egrey trabalha com caimentos generosos, folgas calculadas e peças que não lutam contra o corpo. Sem estampas, logos ou detalhes excessivos. Uma peça de 2015 precisa funcionar hoje. Essa é a régua.

O MECANISMO DO CAIMENTO

Em conversa, ele raramente levanta o tom da voz. Quando se entusiasma, começa a falar mais rápido sobre modelagem ou construção de produto, como alguém descrevendo um mecanismo que conhece perfeitamente por dentro. Olha ao redor e repara em ombro, gancho, recorte, peso do tecido, densidade da malha. A conversa frequentemente retorna à matéria: sua relação com a roupa parece menos imagética do que tátil.

A rotina segue a mesma lógica metódica da marca. Eduardo nada duas ou três vezes por semana, sempre pela manhã. É uma maneira de sustentar o ritmo de uma operação que ocupa sua cabeça vinte e quatro horas por dia. Ao longo da carreira, desenvolveu uma habilidade de análise afiada, coisa rara entre seus pares. Sabe arriscar o que vai vender bem e o que não tanto, apenas olhando a coleção na arara. Um pensamento lógico que exercitou na sua experiência de banco. Calculista sem ser frio, não gosta de fazer a linha showman, mas se interessa pelo contato com quem consome. O mercado de atacado, que boa parte da moda de luxo encara como concessão, ele trata como escuta.

A Egrey já está espalhada pelo Brasil, tanto no eixo Rio-São Paulo como em cidades como Criciúma ou Palmas. Hoje, vende



A loja em São Paulo: a proposta é ter araras de roupas atemporais

através das multimarcas a mesma quantidade que vende nas suas duas lojas próprias. E tem também o e-commerce.

Eduardo cultiva cada relação como se fosse a única. Quando percebe que um lojista considera comprar algo que não vai girar, ele mesmo avisa. “Não quero um cliente hoje, quero um cliente sempre”, pontua. É o economista falando, mas também o criador, alguém que entende que uma roupa encalhada na arara é também um problema seu.

O PÚBLICO DE AFINIDADE

Toldi rejeita a ideia de uma moda que feche portas, seja por faixa etária, estética ou qualquer barreira que não seja a do próprio gosto (da clientela). “Eu tenho um público que não é de idade, mas de afinidade”, define. Ele trabalha a coleção em camadas e o mesmo tecido pode virar uma calça ampla com pregas, para quem busca informação de moda, ou uma peça seca e neutra para as figuras mais clássicas. Quem entra na loja com 16 anos e quem entra com 60 pode sair com peças do mesmo tecido, costuradas com a mesma exigência.

“Não adianta eu chegar com um produto na loja só porque acho legal. Não dá: o dinheiro não aceita desaforo, a natureza não aceita mais liquidação, são outros tempos.”



À esq., casaco tricot; acima, camisa de cashmere e calça ampla de lã fria

Esse cuidado com o produto convive com um distanciamento deliberado do sistema. Eduardo não desfila, não se explica, fica desconfortável na hora de ser retratado, preferindo o segundo plano. “Quando a história fica muito atrelada à pessoa... qualquer atitude pode impactar na compreensão da marca”, pondera. Cresceu em um ambiente em que pavonear podia ser motivo de chacota; aprendeu cedo a desconfiar de qualquer excesso de autopromoção. “Tem muita gente falando nada”, diz. Prefere que a roupa fale e que o cliente interprete: “a sutileza é muito mais interessante.”

Talvez o sinal mais eloquente da consistência da Egrey esteja nos clientes estrangeiros. Muitos voltam ao Brasil e chegam à loja depois de já terem acesso às maiores grifes do mundo: retornam para comprar novamente a mesma calça favorita ou o mesmo tricô. “Eles podem comprar o que quiserem, onde quiserem, mas não querem aparecer se vestindo igual a todo mundo”, comenta.

São Paulo, cidade que defende com a convicção de quem nem pensa em sair, está no DNA da marca — nem tanto como tema, mas servindo de termômetro na mistura e no ritmo que exige uma roupa confortável. Eduardo observa a cidade com o mesmo viés analítico com que lê uma coleção. Atento ao que funciona, cético com o que é só barulho. Em um mercado que frequentemente confunde volume com relevância, a Egrey segue em medida própria. ▀



PAOLA VILAS: UMA JOIA TODA SUA

TEXTO MIRIAM GIMENES

FOTOS VANS BUMBEERS

O caminho da artista que cria joias esculturais veio do exterior para o Brasil. Hoje, ela almeja mostrar o que é nosso para o mundo em peças que classifica como “iniciadoras de conversa”

Durante muito tempo, as joias foram oferecidas às mulheres como promessa de afeto e símbolo de posse. Rose, de “Titanic”, ganhou o colar “Coração do Oceano” de seu noivo como símbolo de um papel a ser cumprido na sociedade, o da esposa perfeita de um homem rico — o que acabou por desesperar a moça na trama vencedora do Oscar. Ficção, mas totalmente condizente com a realidade feminina no início do século passado. Entretanto, algo mudou em 100 anos. Como escreveu Virginia Woolf no clássico “Um Teto Todo Seu”, a mulher precisa de independência para existir de fato e hoje são elas que compram suas próprias joias. É essa a realidade que a designer Paola Vilas observa há pelo menos uma década.

Desde 2016, data em que fundou a marca que leva seu nome, a carioca radicada em São Paulo constrói uma história que tira a joia do lugar do adorno e a leva para o campo da expressão. Mais do que objetos de valor, suas peças são pequenas esculturas, carregadas de significado e provocação. Por isso, define-se mais como artista do que designer, e destaca que sua investigação gira em torno do feminino, de olho em suas camadas históricas e simbólicas. “Busco explorar, nas peças, um espaço de liberdade feminina. Minha intenção é que elas promovam conexão e funcionem como um lembrete da própria potência de quem as usa, dando possibilidades que vão além do que nos foi ensinado”, ela diz.

O resultado são peças singulares. Corpos fragmentados, seios, gestos e formas dão o tom de suas criações neo-surrealistas, que ela descreve como iniciadoras de conversa. Vestir uma de suas joias não se trata apenas de compor um look, mas de se dar uma pausa, causar um estranhamento, convidar ao diálogo. “Meu interesse é muito mais pelo efeito da peça, o que ela vai provocar no mundo”, reflete. Talvez por isso uma de suas criações mais icônicas seja Louise, uma joia escultural em prata 925, pensada tanto para ser usada no braço quanto apreciada como objeto de arte em um lugar de destaque.

“Crio pensando na longevidade, em algo que acompanhe a pessoa e se torne um símbolo, parte da identidade dela.”



Ao lado, o famoso bracelete Louise; acima, o colar Cora: Paola cria “esculturas de vestir”, sempre inspirada no corpo da mulher

Paola usava o protótipo como bracelete no dia da entrevista. “Ela fala da liberdade feminina, sobre o espaço do sonho e do lúdico, e a possibilidade de existir com mais leveza”, diz sobre a criação. Seu desenho foi adaptado em brinco, pulseira, anel, colar e até em uma bolsa-escultura, composta de couro e alça banhada em ouro 18k ou prata. Ao longo de uma década, suas coleções (são 11 ao todo) se norteiam em temas pertencentes ao universo feminino. A criação compreende também peças de mobiliário e esculturas, como a Orelha de parede, adorada por adolescentes para decorar o quarto, a mesa Seios e a escultura Biscoito, criada para os 15 anos da ArtRio, entre outras. Além da loja paulistana, nos Jardins, Paola tem uma loja no Leblon, no Rio.

E é nesse ponto que sua obra ousada e cheia de significados encontra o presente. O momento em que mulheres não apenas ocupam seus espaços e podem também escrever as próprias narrativas é notado entre as consumidoras de sua marca. “Muitas clientes compram para si mesmas, fazem coleção de todas as peças”, diz. Assim como prega o surrealismo, vertente artística que inspira seus trabalhos, elas “abrem um portal para o mundo onde tudo é possível”, inclusive assumir de forma plena o seu poder de escolha.

“Meu trabalho também é uma forma de mostrar para as próximas gerações, inclusive para a minha filha, que é possível construir um caminho mais livre, feminino e potente.”

TOMANDO FORMA

O processo criativo de Paola começa no papel, com desenhos e estudos visuais que, em seguida, são traduzidos para a pintura ou o meio digital. Ultimamente, mais a segunda opção. A partir daí, o projeto se torna escultura, desenvolvida tanto em cera quanto em modelagem 3D. É nessa fase que entram questões como proporção, escala e ergonomia. “Meu trabalho é muito focado em como a peça vai cair, como ela pode existir tanto como joia quanto como escultura”, afirma.

Na sequência, as criações passam pelo processo de fundição, em um trabalho que envolve diálogo constante com artesãos e inúmeros ajustes. Do primeiro esboço ao protótipo final, o desenvolvimento pode levar mais de seis meses. Aprovado o protótipo, são mais dois meses para concluir a produção. Pensado e trabalhado, portanto, do primeiro risco ao arremate final.

Este é o caminho de todas as coleções, inclusive de uma das mais recentes, a inspirada no universo de Lina Bo Bardi, feita a convite do Instituto Bardi. Paola foi a primeira artista-designer a transformar a obra da arquiteta em joalheria e, para tanto, mergulhou a fundo na história da homenageada. “Fiquei muito honrada porque respeito muito não só o trabalho de Lina, mas o que ela representou como mulher naquela época. Abriu portas, com toda certeza, para muitas outras.” Traduzir esse universo íntimo jogou luz em um universo muito rico e feminino.

Entre as criações, todas expostas em sua loja nos Jardins, estão os brincos Casa de Vidro, nome da sede do instituto de Lina, que incorporam os vidros azuis da residência em fragmentos lapidados à mão, reinterpretados como gemas e fixados por garras metálicas em forma de mãos. Verdadeira obra de arte. A coleção inclui brincos, anéis e colares inspirados nas janelas desenhadas por Lina para o Sesc Pompéia, além do brinco Cavalete, que remete aos suportes criados pela arquiteta nos anos 1960 e até hoje utilizados na expografia do Masp.

DO RIO PARA O MUNDO

A carioca carrega a sua cidade natal no foco de tudo que cria. “Há potência no Rio, um lugar um pouco mais livre nos corpos.”

*Os aneis projetados
por Paola, com o
corpo feminino
sempre em evidência*



As curvas das montanhas na paisagem, a energia livre e magnética da cidade são traduzidas em formas orgânicas. Cita como exemplo o pingente de uma mulher grávida que, se olhado por um ângulo específico, lembra as curvas do Pão de Açúcar. Não por acaso, uma de suas coleções se chama “O Rio é uma Mulher”.

Essa identidade forte, ousada e curvilínea ajudou a impulsionar a marca para fora do país. Antes mesmo de ter as duas lojas, Paola conquistou o espaço internacional com sua linguagem autoral, quando começou a vender no e-commerce Net-A-Porter, e nas lojas Joseph, Koibird (Londres), Wald (Berlim), Rinascente (Milão) e Secret Location (Vancouver). Ela confessa nunca ter imaginado essa repercussão internacional, mas que sentiu o reconhecimento principalmente em dois momentos: quando entrou para a Under 30 da Forbes, em 2019, e na ocasião em que foi convidada pela Lancôme, em 2023, para dar nova roupagem ao frasco do perfume “La Vie Est Belle”, um icônico sorriso de cristal. A peça, reinterpretada pela artista para expressar sua visão de uma feminilidade alegre, ganhou uma joia em ouro 18k que adornou e iluminou apenas 40 unidades em todo mundo. “Foi um trabalho de muito aprendizado também e de um alcance absurdo. Foi postado no Instagram global da marca. Achei superlegal eles darem visibilidade para uma artista latina, que está aqui no Brasil, falando sobre o feminino”, conta.



Em sentido horário, brincos inspirados nos famosos cavaletes do MASP e outra peça, releitura da Casa de Vidro, ambos da coleção Lina Bo Bardi; acima, a peça Elza, da coleção inspirada na feminilidade do Rio de Janeiro

CONSTRUÇÃO DO LEGADO

Em um mundo acelerado, Paola preza pela permanência. Suas peças são criadas para atravessar o tempo e, como toda joia, marcar gerações. Essa perspectiva também deve nortear suas futuras criações, inclusive a que fez inspirada em Naoshima, no Japão, ilha onde passou sua lua-de-mel. “Imagino como essa joia pode ser herdada, como uma filha ou neta vai se conectar com ela. Não é uma peça comum, carrega uma história, uma presença”, diz. Mãe recente, a designer reconhece que essa reflexão se intensificou com a chegada de Ava, que tem 9 meses. “Penso em como minha filha, no futuro, vai interpretar essas peças. É um exercício que faz parte do processo criativo”.

Paola tem vivido a potência feminina ao máximo. A maternidade, segundo ela, ampliou sua percepção sobre o corpo. “Quando você se percebe como natureza, entende também a sua potência como mulher. É uma força que já está ali”, diz. A designer cita a amamentação como exemplo de uma perfeição quase tecnológica do corpo feminino. “É tudo muito preciso, potente. Faz você se perguntar por que, por tanto tempo, isso foi visto como algo menor.” Ela afirma que a experiência de ser mãe de uma menina também trouxe uma dimensão de responsabilidade. “É pensar como criar uma mulher hoje, que ferramentas dar para que ela se sinta livre para desejar o que quiser”, afirma, lembrando que muitas conquistas femininas ainda são recentes. “A gente avançou, mas ainda está quebrando muitos paradigmas. Até pouco tempo a mulher não podia nem votar.” Lembra que por muito tempo ser mulher foi sinônimo de fragilidade, quando, na verdade, é totalmente o oposto. Conciliar a maternidade com a rotina à frente da marca que leva seu nome é, segundo ela, um exercício de ajuste de prioridades. “É desafiador, mas possível. Tento equilibrar os pratinhos, me cobrar menos”, afirma. Paola define a empresa como uma filha mais velha, que também exige atenção e cuidado. E não cogita desacelerar.

“O Brasil tem uma potência cultural e artística enorme, referências riquíssimas. A gente precisa olhar mais para isso. Quero crescer representando o país de forma mais ampla, mostrando outras camadas dessa identidade, que é múltipla.”



No sentido horário, a coleção em homenagem a Lina Bo Bardi; frasco de La Vie Est Belle Edição de Arte, feito em collab com a Lancôme; luminária de mesa Octávia, que faz parte de sua coleção de mobiliários, e o anel Cadeira Bowl Lina Bo Bardi, em homenagem à obra da arquiteta ítalo-brasileira



Durante a entrevista, Paola usava o Choker Louise, peça que em que propõe um olhar sobre a energia feminina em todas as suas formas

Com uma década completa de estrada, o desafio agora é olhar o horizonte. E a artista diz que o que vislumbra para essa caminhada é que as pessoas continuem criando uma conexão profunda com suas peças, inclusive dentro do país. “Essa expansão internacional é algo com o que sempre dialoguei, desde o início da marca, quando a gente basicamente exportava. Fiz o caminho inverso: comecei lá fora e voltei para o Brasil, cresci aqui”, diz, defendendo a maior valorização da produção nacional. Assim, vê sua marca como parte de uma geração que busca ampliar essa percepção.

Entre influências que vão do modernismo de Lina Bo Bardi à produção contemporânea, Paola projeta um caminho em que suas criações e identidade cultural caminhem juntas. “A ideia é comunicar o que é nosso para o mundo e também deixar uma marca no lugar íntimo das pessoas”, finaliza. Com essa intenção, ela dialoga com o sonho, também modernista, de reconhecer todas as potências do nosso país. Como escreveu Mário de Andrade, em troca de cartas com o amigo Manuel Bandeira, no início do século passado: “Brasileiros, chegou a hora de realizar o Brasil”. Missão que, se depender de Paola, já está sendo lapidada. ▀



Apple mais democrática

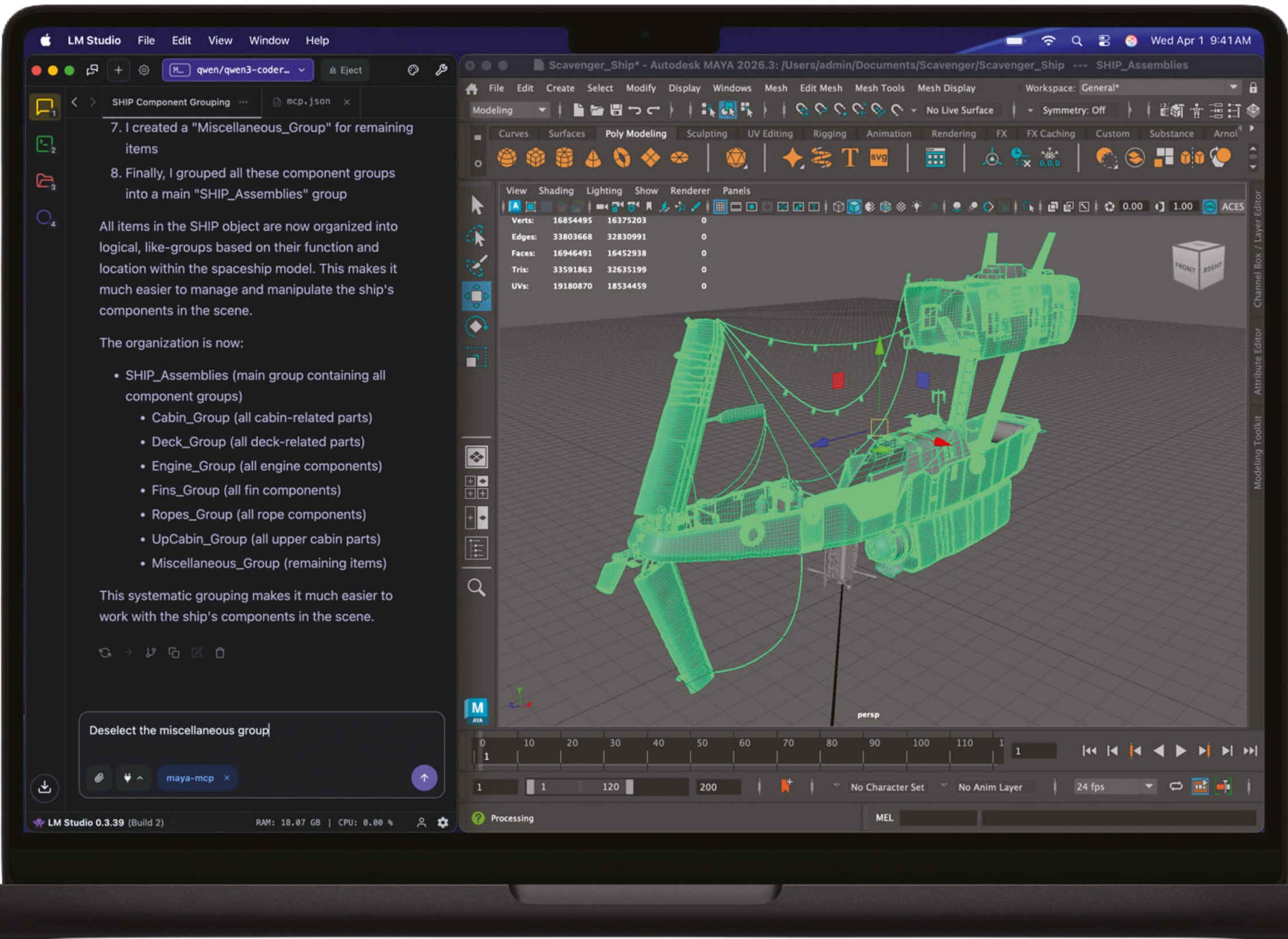
POR LUCA PUCCI

Depois do Apple Experience em Nova York, fica evidente que a marca quer chegar a mais pessoas sem perder a sensação refinada

Estive em Nova York para o Apple Experience, um evento fechado para conhecer os novos lançamentos da marca. Tive a oportunidade de entrevistar John Ternus, que era “SVP de Hardware & Engineering da Apple” e já foi anunciado como o próximo CEO da empresa, assumindo o lugar de Tim Cook em setembro de 2026.

Comecei a entrevista agradecendo pelo ecossistema da Apple, porque sem iPhone, iPad e Mac eu provavelmente não seria criador de conteúdo. E a resposta dele resumiu bem o espírito do evento: “Nós adoramos construir ferramentas para você.” A frase explica muito do que a Apple apresentou. A nova linha não é apenas o processador rápido ou a tela bonita, mas ferramentas capazes na mão de mais gente.

Ternus disse que a Apple está animada por conseguir levar a experiência do Mac com um preço acessível. Essa foi a nova linha apresentada: MacBook Neo, iPhone 17e, iPad Air com M4, MacBook Air com M5, MacBook Pro com M5 Pro e M5 Max, além da nova família de monitores Studio Display. Cada produto resolve um problema, mas todos apontam para a mesma direção: tecnologia potente, simples de usar e acessível para diferentes momentos da vida.



DIVULGAÇÃO

MACBOOK PRO M5 PRO E M5 MAX: o novo patamar

O MacBook Pro com M5 Pro e M5 Max entra em outra categoria. Aqui a conversa não é sobre entrar no ecossistema. É sobre ganhar tempo. Para quem é profissional de audiovisual, animação, 3D, programação, ou Inteligência Artificial local, performance não é luxo. É ferramenta de trabalho.

A Apple apresentou os novos MacBook Pro com chips M5 Pro e M5 Max destacando até 24 horas de bateria, tela Liquid Retina XDR com opção de nano-texture, Thunderbolt 5, e câmera de 12 MP com Center Stage.

“Esse é o Mac pra quem não pode esperar. É sobre entregar trabalhos pesados com segurança.”



MACBOOK AIR M5: o laptop que praticamente todo mundo deveria considerar

O MacBook Air com M5 é provavelmente o produto mais fácil de recomendar da lista. Ele pega uma fórmula que funciona bem: corpo fino, leve, silencioso, bateria forte e boa tela, agora com o novo chip M5, que tem armazenamento inicial dobrado para 512Gb.

É o computador para estudante exigente, médico que precisa consultar exames e prontuários, advogado que vive em documentos, empresário que viaja, jornalista, professor, social media, creator que edita vídeos leves e qualquer pessoa que quer uma máquina confiável para trabalhar todos os dias.

Ternus explicou que o Pro é para quem precisa do produto mais poderoso possível, o Air entrega um equilíbrio incrível entre portabilidade e performance, e o Neo leva a experiência central do Mac para mais pessoas. Essa explicação ajuda a entender onde o Air fica: ele é o meio mais seguro da linha.

“Se alguém me pergunta qual Mac comprar sem explicar muito o uso, normalmente minha resposta vai ser o Air. Ele é leve, potente, bonito e resolve a vida de quase todo mundo.”



MACBOOK NEO: o primeiro Mac de muita gente

O MacBook Neo é o lançamento mais importante dessa nova fase, não porque é o mais poderoso, mas porque muda a porta de entrada para o universo Mac. Ele chega como o MacBook mais acessível da Apple, com tela Liquid Retina de 13 polegadas, design em alumínio, bateria para o dia todo e suporte aos recursos de Apple Intelligence.

Ternus diz que estudantes são o foco, mas que a ideia é alcançar qualquer pessoa que queira a experiência do Mac com um preço mais convidativo e com tudo que é essencial em um MacBook. É redesenhado para ser mais acessível.

Na prática, faz muito sentido para estudantes, adolescentes, profissionais em início de carreira, pessoas que trabalham com texto, pesquisa, apresentação, chamadas de vídeo e organização da rotina. É o computador para quem precisa estudar, escrever, montar trabalhos, responder aos e-mails, assistir às aulas, usar IA e ter integração com iPhone sem precisar investir muito.

“Esse é para quem sempre quis entrar no ecossistema Apple, mas achava caro demais. Para estudante, criador iniciante ou profissional que vive de tarefas do dia a dia, o MacBook Neo pode ser o primeiro Mac perfeito.”



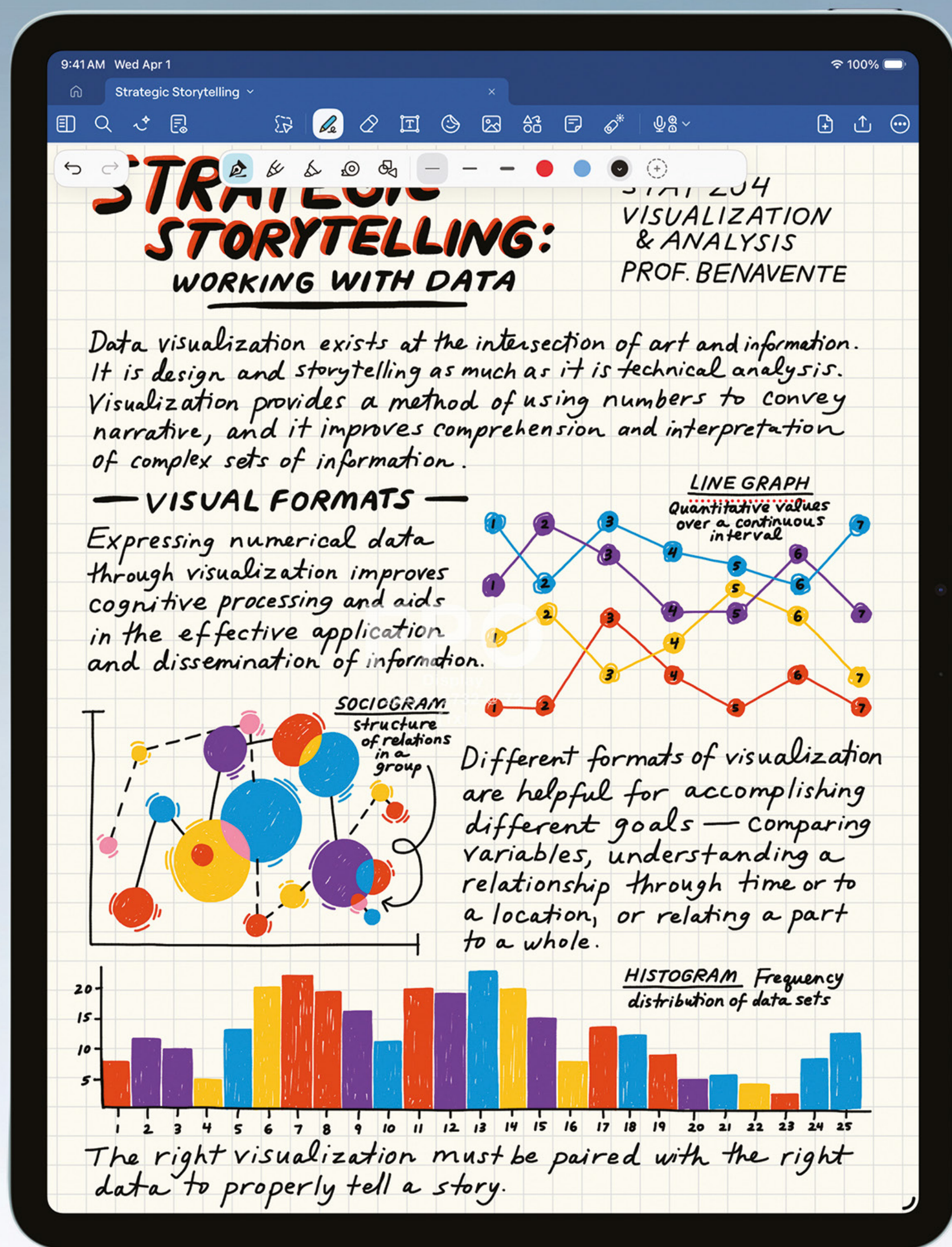
IPHONE 17E: pensado para durar

O iPhone 17e segue a mesma lógica do MacBook Neo. Ele não existe para ser o iPhone mais poderoso da linha, mas para entregar a experiência central do iPhone em um modelo atual e mais acessível.

Quando perguntei para Ternes se um iPhone mais barato significava abrir mão de segurança ou privacidade, ele foi direto: “De forma alguma.” Segundo ele, privacidade e segurança são fundamentais para a Apple Silicon e estão presentes tanto no iPhone 17e quanto no iPhone 17 Pro, assim como no MacBook Neo e no MacBook Pro.

Na vida real, ele faz sentido para quem quer um iPhone que vai atualizar pelos próximos anos, com boa bateria e que não vai ter problemas de desempenho. Para quem usa redes sociais, grava vídeos e fotos do dia a dia, trabalha no WhatsApp e usa o celular para fins pessoais, ele pode ser a escolha mais inteligente.

“Esse é o iPhone para quem quer comprar bem, não necessariamente comprar o mais caro. Ele prova que nem todo mundo precisa de um Pro para ter uma experiência Apple de verdade.”



IPAD AIR M4:

o tablet de lazer que vira ferramenta de trabalho com IA

O iPad Air com M4 é um daqueles produtos que ficam entre estudo, trabalho e criação. E talvez seja justamente por isso que ele faça tanto sentido. Ele não substitui o computador para todo mundo, mas resolve um tipo de uso que notebook nenhum resolve tão bem: criar de forma visual e com a ajuda dos dedos.

Para um estudante, ele vira um caderno com IA para anotar aulas, e fazer marcações em PDFs. Para um arquiteto ou designer, trabalhar com 3D é possível sem problemas. Para quem trabalha com marketing, ele edita vídeos, abre planilhas e permite usar vários apps ao mesmo tempo.

O iPad continua não sendo o substituto ideal do computador para todo mundo. Mas para quem trabalha com imagens, desenho, e trabalho leve de escritório, ele é uma das ferramentas mais naturais que existem.

“Esse é para quem gosta de estudar, criar e organizar ideias com as mãos. O iPad é para pensar visualmente.”



STUDIO DISPLAY XDR E STUDIO DISPLAY: a tela para quem precisa confiar no que vê

O Studio Display XDR é o produto mais nichado da lista. A nova tela traz 27 polegadas, resolução 5K Retina XDR, brilho de 2.000 nits, ampla tonalidade de cores P3, Adobe e câmera Center Stage de 12Mp. Para fotógrafos, filmmakers, designers, arquitetos ou diretores de arte isso importa porque cor, contraste e brilho são o padrão de referência para o trabalho.

O Studio Display também é 5k, tem 27 polegadas e continua sendo uma das formas mais elegantes de transformar um MacBook em estação de trabalho. Nem todo mundo precisa do XDR. Muita gente só precisa de uma tela grande, bonita, confiável e integrada ao Mac para trabalhar melhor todos os dias.

“Com essa tela eu confio no que estou vendo. Uso os Studio Displays para editar fotos e vídeos e consigo tirar o melhor das minhas imagens.”



O QUE ESSA NOVA APPLE QUER DIZER

A frase mais importante da entrevista com John Ternus veio quando ele falou sobre o MacBook Neo e o iPhone 17e. Segundo ele, com a evolução do chip Apple Silicon, eles conseguem entregar aparelhos mais acessíveis que fazem coisas que alguns anos atrás ninguém imaginaria em produtos desse preço.

No fim da entrevista, eu comentei que hoje todo mundo quer ser criador de conteúdo. Ternus respondeu de um jeito simples: “Agora podem.” ▮

OS VÉRTICES NA CASA TRIÂNGULO

TEXTO FELIPE MACHADO

FOTOS VANS BUMBEERS



*Rodrigo Editore (à esq.)
e Ricardo Trevisan*

Rodrigo Editore e Ricardo Trevisan levaram a galeria fundada nos anos 1980 ao posto de uma das mais importantes do país. Na sede, três portas sempre abertas condensam o modo como a galeria se posiciona no mundo

Há uma certa ironia na história da fundação da Casa Triângulo. Em 1988, quando o mercado de arte brasileiro atravessava uma ressaca após o boom da década anterior, Ricardo Trevisan tomou uma decisão que desafiava o bom senso comercial da época. Decidiu abrir uma galeria. Para complicar, a galeria seria dedicada a artistas jovens e emergentes, justamente no momento em que os galeristas mais experientes preferiam investir na segurança dos nomes consagrados. O espaço escolhido foi sua própria casa, um edifício dos anos 1920 no Largo do Arouche, no Centro de São Paulo. Em formato de triângulo, a planta do local serviu de inspiração para batizar a iniciativa.

Mais de três décadas depois, a Casa Triângulo é hoje uma das galerias de arte contemporânea mais respeitadas do Brasil. Presença consolidada nos principais eventos do setor no Brasil, além de feiras internacionais como Art Basel, Frieze e ARCOMadrid, já revelou nomes que circulam atualmente com prestígio em museus e bienais pelo mundo. Aquele triângulo original se expandiu para muitos lados.

Antes de se tornar galerista, Trevisan foi colaborador da Interview, cultuada revista com foco em arte e moda nos anos 1980. Fotografava e entrevistava artistas, curadores e críticos em uma São Paulo que passava por intensa reconfiguração cultural e política. Essa imersão, para ele, funcionou como uma espécie de semente do projeto com que sonhava. “Aprendi muito no processo, e isso certamente ampliou e transformou minha percepção e minha concepção de mundo”, afirma.

“O que procuramos é uma verdade sem artifício, uma necessidade real de produzir e uma visão própria de mundo”, diz Rodrigo Editore.



*A fachada do espaço,
com portas abertas
para o público*

Sua experiência na imprensa cultural foi aplicada à lógica da Triângulo. Ele não queria apenas um espaço para a venda de obras, mas um modelo de acompanhamento da carreira dos artistas, conceito que, no Brasil da época, não era tão comum. Foi com essa mentalidade que Rodrigo Editore, que era diretor da galeria até 2008, entrou como sócio no empreendimento em 2014. “Existe uma integridade no trabalho, uma coerência profunda, algo que não depende de tendência ou de discurso de ocasião”, afirma Editore.

A filosofia tem consequências práticas bem concretas. O roster atual da Casa Triângulo inclui nomes como Sandra Cinto, Albano Afonso, Antonio Henrique Amaral, Eduardo Berliner, Joana Vasconcelos, Juliana Cerqueira Leite e Lucas Simões e é resultado de um método de escuta longa. Muitos desses artistas entraram cedo na galeria, ainda sem mercado consolidado, e foram acompanhados até atingir projeção nacional e mundial.

Em 2016, eles deram um passo que materializou em arquitetura aquilo que já era sua proposta conceitual. A mudança para a nova sede na Rua Estados Unidos, projeto do Metro Arquitetos Associados, não foi apenas uma ampliação de espaço, mas uma declaração de intenção. O edifício aberto, integrado à cidade, resultou em um grande white cube com



cinco metros de pé-direito e clima agradável de praça de artes. Por ali, circulam não apenas artistas e marchands, mas moradores do bairro dos Jardins.

“Antes mesmo de qualquer desenho, procuramos a Metro Arquitetos com a ideia muito clara de criar um espaço que fosse verdadeiramente aberto ao público, mais integrado à vida urbana e menos distante da percepção tradicional de uma galeria de arte como um lugar fechado ou intimidador”, explica Trevisan. O gesto mais eloquente do projeto talvez seja o mais simples: três grandes portas sempre abertas. A atitude simbólica e real de acolhimento é para que as pessoas se sintam à vontade, curiosas e convidadas a entrar.

A praça funciona como extensão do espaço expositivo, mas também como um território público. A fronteira entre dentro e fora se dissolve e, com ela, a ideia de que arte contemporânea é um assunto restrito a especialistas. É uma postura que diz algo sobre como a Casa Triângulo concebe seu papel na cidade, não como um local fechado e isolado, mas como um agente do espaço urbano.

RECONHECIMENTO FORA DO BRASIL

O reconhecimento internacional foi construído tijolo a tijolo ao longo de décadas de participação em feiras, de suporte a residências e mostras fora do Brasil. “É uma consequência natural de um trabalho consistente e de longo prazo”, avalia Editore. “Ele fortalece não apenas a trajetória da galeria, mas principalmente a dos artistas, ampliando seus diálogos e inserções em contextos mais diversos.”

Há aqui uma distinção importante. A galeria não trata o sucesso internacional como fim, mas como amplificador de trajetórias. O colecionador que aparece depois de ver um artista no estande da Art Basel não é o ponto de chegada, mas o representante de um processo que começou antes e continua depois. “Para a galeria, isso gera credibilidade e confiança, tanto para novos colecionadores quanto para artistas que buscam uma relação sólida e comprometida com suas carreiras”, completa.

Essa lógica de relacionamento de longo prazo talvez explique por que a Casa Triângulo sobreviveu a tantas



*A mostra de Sandra Cinto, com
“Paisagem Sol”; ao fundo, “A Primeira
Luz”. Acima, detalhes de suas obras*



À esq., “Detalhe com Corda”, de Antonio Henrique Amaral (1972); acima, “Domina-Mutter”, de Lyz Parayzo

transformações do mercado, desde a abertura econômica dos anos 1990 à digitalização acelerada das últimas décadas. Quando perguntado sobre o papel de uma galeria em um mundo em que a arte é espalhada em pixels antes de circular em paredes, Trevisan é direto. “A tecnologia ampliou o alcance e a circulação da arte, mas não substitui a experiência direta com a obra. O papel da galeria continua sendo fundamental como espaço de encontro, reflexão e construção de contexto. Uma galeria não vende apenas obras, mas acompanha trajetórias, produz pensamento crítico e cria relações duradouras entre artistas, colecionadores e instituições.”

Mais de 30 anos depois de sua inauguração, a Casa Triângulo ainda é um espaço que navega entre mundos distintos. O mercado e a experimentação, o local e o internacional, o estabelecido e o emergente. Apesar do cenário artístico ter passado por tantas mudanças, a galeria, os artistas e o público continuam a ser os três lados que sustentam sua trajetória, numa metáfora perfeita. ▣

“O olhar mais atento e a convivência próxima com diferentes agentes do meio me ajudaram a construir uma relação sensível, intuitiva e profunda com o trabalho de cada artista”, diz Ricardo Trevisan.

vivo

VIVO
OSCAR FREIRE.
ONDE DESIGN,
TECNOLOGIA
E LITERATURA
SE CONECTAM.

Rua Oscar Freire, 849 - São Paulo
Segunda a sábado, das 10h às 20h
Domingo, das 12h às 18h



vivo.com.br

 Telefónica

CILDO MEIRELES ENTRE MISSÕES

TEXTO GABRIELA LONGMAN

FOTOS GUITO MORETO



Prestes a remontar a instalação “Missão/Missões” no Instituto Inhotim, Cildo Meireles cultiva a mente inquieta que fez dele um dos maiores artistas do Brasil

O ano era 1987. Juntando dois mil ossos, seiscentas mil moedas e novecentas hóstias, Cildo Meireles construiu “Missão/Missões (Como construir catedrais)”, uma das várias instalações emblemáticas de sua carreira. Avesso, como sempre foi, ao certo glamour do mundo da arte e à visão do artista como “gênio criador”, ele descreve o processo de criação da obra como quem conta um bom caso.

“O Frederico Moraes organizou uma exposição e eu não tinha ideia do que ia fazer. Na saída de São Miguel das Missões (RS) havia um micro-ônibus que nos levava para Porto Alegre. Uma jornalista que acompanhava o grupo se demorou e, quando finalmente entrou no ônibus, saiu distribuindo hóstias”, ele lembra. Cildo chegou ao hotel com aquela hóstia na mão e, pouco depois, se deparou com um trabalho feito com ossos estampado em um livro. “Era do [escultor Francisco] Stockinger. Resolvi fazer o ‘Missão/Missões’, com a ideia de formular uma equação clara, sintética, conectando o poder material, o poder espiritual e a consequência trágica da colonização da América”, rememora o artista, prestes a remontar a instalação dentro das comemorações de 20 anos do Instituto Inhotim.

A relação de Cildo com a instituição mineira é antiga. Ele tem obras na coleção dos mais importantes museus do mundo — na Tate Modern, em Londres, onde foi o segundo artista brasileiro a ganhar uma retrospectiva; no MoMA de Nova York ou no Centre Pompidou de Paris, onde participou da revolucionária mostra “Magiciens de la Terre” (1989). Mas é no museu-parque de Brumadinho que fica seu pavilhão próprio, com as instalações “Através” (1983–1989), “Glove Trotter” (1991)

“Uma instalação, do meu ponto de vista, pressupõe uma imersão. Você sair de um ambiente e entrar num não-lugar, como se estivesse sequestrado e se relacionasse só com aquele objeto proposto.”



WILLIAM GOMES/DIVULGAÇÃO



PEDRO MOTTA/DIVULGAÇÃO



EDOUARD FRAIPONT/DIVULGAÇÃO

No topo, “Desvio para o vermelho I: Impregnação”, o clássico de Cildo no Inhotim, que tem fila de turistas. À esq., a instalação vizinha “Através”, em que o público escuta o estalar do vidro sob os pés; acima, “Missão/Missões”, que volta no segundo semestre para Brumadinho

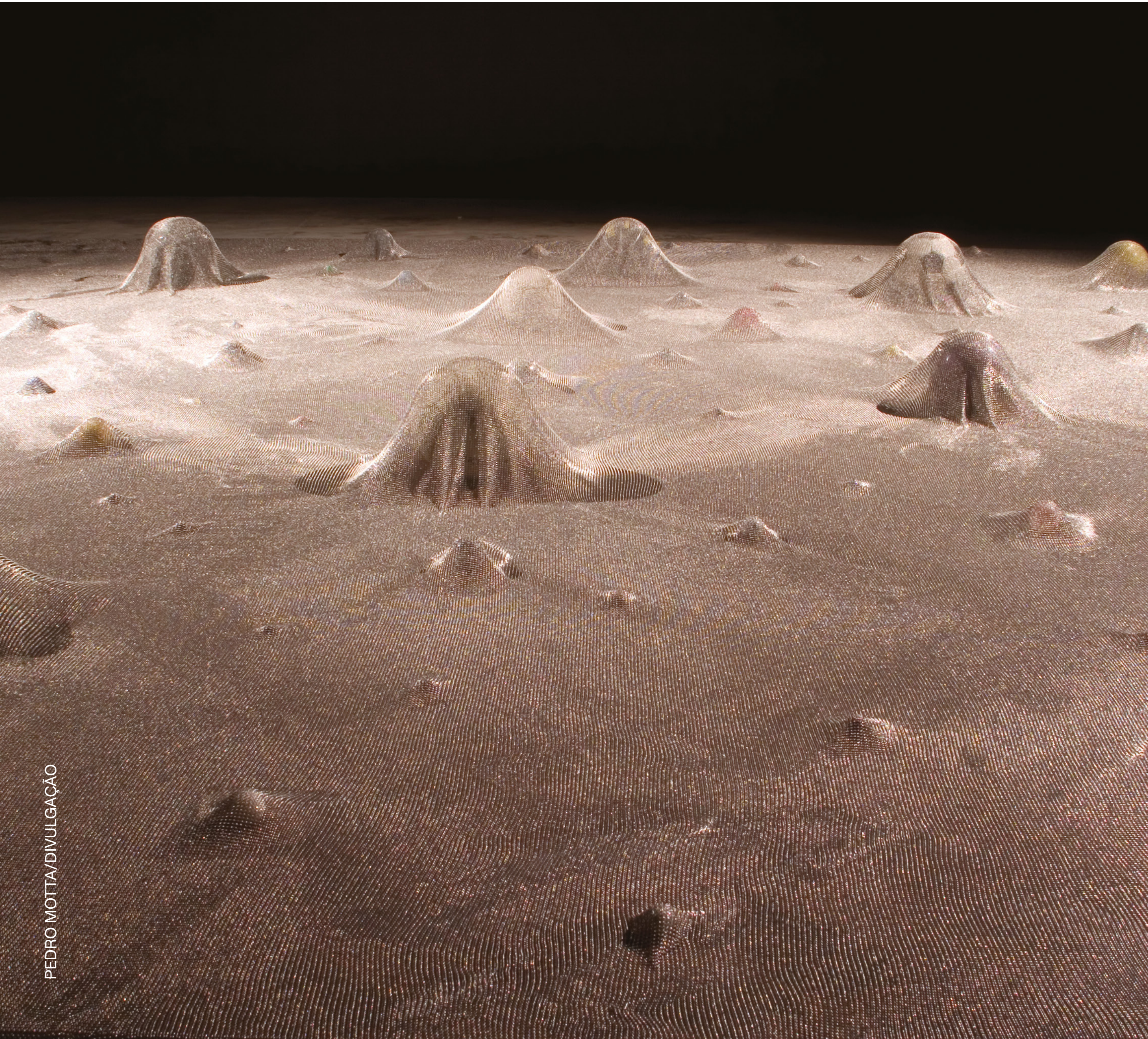
e “Desvio para o vermelho I: Impregnação” (1967-1984). Esta última você já deve ter visto em fotos nas redes sociais, já que o ambiente composto de mobília vermelha virou uma espécie de cartão postal e uma das obras favoritas do público. É esse espaço que está sendo ampliado para receber a nova sala, com “Missão/Missões” pensada pelo artista e a diretora artística do Inhotim, Júlia Rebouças.

PERSONALIDADE INQUIETA

Vivendo no Rio de Janeiro, onde nasceu, Cildo segue inquieto aos 78 anos. No ano passado, sua instalação “Marulho” (1991-1997), composta por 5 mil livros com fotos de ondas, foi remontada na abadia do vilarejo Mont Saint-Michel, na Normandia, como parte da temporada França-Brasil. No início deste ano, expôs uma nova escultura, “Tilim Tilim”, criada a partir do triângulo (a forma geométrica, mas também o instrumento musical típico do forró e do baião) e acompanhou o lançamento de um livro que revisita toda sua obra sonora, “Todos os Sons”, da pesquisadora Caroline Alciones de Oliveira Leite. Mais do que feitos, no entanto, o que existe é uma mente efervescente que não para de pesquisar. “No momento, estou interessado em um tipo de gerador de energia”, revela, engatando uma explicação sobre documentários que abordam a engenharia reversa de naves extraterrestres. “Estou muito interessado em saber que tipo de combustível um disco voador utiliza. [...] Isso poderia ajudar a encaminhar corretamente a questão energética, a poluição e a gratuidade. Mas, enfim, vocês vão dizer que eu virei ufólogo”, diverte-se.

Antes de olhar para discos voadores, o berço de Cildo é o Brasil. Filho de um indigenista do Serviço de Proteção aos Índios (SPI, embrião da atual Funai), e sobrinho de um sertanista, cresceu em trânsito pelas franjas do território nacional. Entre os lugares onde viveu estão o Pará, Roraima, Goiás e Maranhão, em uma história profundamente conectada

“Eu acho que as artes plásticas têm um compromisso com o público. Quando o trabalho chega ao mercado, você já não está falando mais do trabalho, você está falando de cifras.”



PEDRO MOTTA/DIVULGAÇÃO



DIVULGAÇÃO



DIVULGAÇÃO

No topo da página, “Glove Trotter”; à esq., “Quem matou Herzog?”, mensagem que circulou em notas de dinheiro no Brasil; e, acima, “Tilim Tilim”, em brincadeira com a onomatopeia do instrumento

à utopia fraturada da construção de Brasília e aos anos de asfixia da ditadura militar. Deriva daí, quicá, o interesse pelas violências sistêmicas, abusos de poder e apagamentos históricos do Brasil que perpassa boa parte de sua obra.

Em 1975, por exemplo, o artista carimbava a pergunta censurada “Quem matou Herzog?” em notas de cruzeiro, transformando a rede de circulação financeira do Estado em uma mídia incontrollável e anônima de protesto. Nomeado de “Inserções em circuitos ideológicos”, esse se tornaria um de seus projetos mais conhecidos. É também parte dessa ideia as famosas garrafas de Coca-Cola retornáveis, em que ele gravava informações e opiniões críticas em branco para que, quando reabastecidas, a mensagem ficasse em evidência.

Mas apesar do caráter conceitual e ativista de muitas de suas obras, o artista faz questão de dizer que não é um intelectual. “Muitas vezes as pessoas chegam a mim esperando um tipo de verdade que eu não tenho. Tenho interesses muito aleatórios”, explica. Na tentativa de definir sua prática, prefere comparar-se com um profissional do garimpo com sua peneira em riste. “O garimpeiro vive de procurar o que não perdeu”, lhe disse um desses profissionais com quem conversou na Chapada Diamantina, em 1974, durante as filmagens do longa “Encarnação”, de Rose Lacrete. A frase acabaria virando uma espécie de bordão.

Na ocasião, ele se sentou para observar o trabalho do homem que enfiava a bateia, pegava areia molhada brilhando, dava uma olhadinha e jogava fora, como relembra. “Eu, de fora, via muita coisa faiscando, e perguntei por que ele não achava que estava jogando alguma pepita fora. Ele respondeu que quando tem alguma coisa assim, mesmo a pessoa que nunca viu imediatamente vai reconhecer”, conta.

É exatamente essa busca por algo ímpar que pauta boa parte de suas instalações, dispositivos que exigem do corpo do visitante uma imersão absoluta. “Eu acho que curadorias mais calejadas cometem o erro ainda de encarar uma instalação como se fosse uma coisa que você vê de fora”, pondera. Ancorado no chão de fábrica do pensamento, Cildo mantém sua lucidez política, poética e visual. Missão cumprida e missões pela frente. ▀

Zeca Camargo

Movido a curiosidade

TEXTO JOYCE PASCOWITCH

O jornalista e apresentador viaja o mundo todo e recolhe referências de arte das mais variadas fontes. Em nossa conversa, ele garante que se perder o interesse pelas coisas, envelhece. Esse é o Zeca



Zeca Camargo já foi bailarino, repórter, editor, colunista e apresentador. Trabalhou em veículos como a Folha de S. Paulo, a MTV e a Globo, no Fantástico. Mas o predado “amigo” vem antes dos outros. É assim que eu o apresento quando vou entrevistá-lo. E ele gosta disso, porque sabe que a amizade é um dos fatores mais importantes do nosso sucesso profissional. “Tudo que a gente constrói é com amizade, conexão e acesso. Se nos tornamos pessoas mais interessantes, é porque conhecemos pessoas mais interessantes. Amizade é darwinismo”, decreta. Cita durante a conversa vários companheiros de vida a quem chama de “núcleo duro”. No grupo, ele fala do jornalista Tony Goes, da turma da MTV, como Chris Couto, Astrid Fontenelle e Marina Person, e de muitos outros que foram agregados nesse caminho.

Zeca acredita que são as amizades também que guiam as afinidades. Quem se interessa por cultura, viagem e arte acaba andando junto. É verdade. Dá para dizer que Zeca é o melhor repórter de cultura do país. Ariano com ascendente em Leão, ele não tem preconceito com nada e vive atrás de novidades. A curiosidade de Zeca permeia toda a sua carreira. Seu pai queria que ele seguisse a família e rumasse para a medicina. “Imagina o choque dele quando eu disse que queria ser bailarino? Larguei tudo e fui para a Índia”, ele se diverte. Zeca estudou e foi assistente do coreógrafo Ivaldo Bertazzo, com quem trabalhou por 12 anos a partir dos anos 1980. Paralelamente a isso, fez Administração de Empresas na FGV, diploma conquistado junto com o de Publicidade, na ESPM. Mas foi quando recebeu o convite da Globo que tudo mudou.

Ele, que costumava andar de metrô por São Paulo, passou a ser reconhecido nas ruas. “O público era mais nichado, adolescente. Na Globo, segui falando com esse adolescente, mas também com a tia-avó dele e com o gerente do banco. Ali eu podia falar de cultura com a seriedade do jornalismo impecável”, diz.

Não foi fácil de cara e, já no convite, tremeu na base. Foi a colega Fátima Bernardes quem deu o conselho que o guiou: “Ela perguntou se eu tinha medo das pessoas que estavam atrás da lente, que iriam assistir ao programa, e eu confirmei.

Aí ela disse que não havia nada ali, só uma lente de vidro. É verdade. E eu relaxei. Até hoje penso que é só uma câmera”.

As chances na maior emissora do país foram aparecendo. Logo, apresentou o Fantástico, na folga de Pedro Bial. O cabelo comprido dos tempos de MTV ficaram para trás e, com o corte novo, surgiu um Zeca Camargo repaginado. Fez entrevistas internacionais e comandou o “No Limite”, no ano 2000, um marco para a TV brasileira. O programa, um dos primeiros realities de grandes proporções no país, inspirado no americano “Survivor”, chegou a alcançar 56 pontos de audiência. Um feito enorme.

AS REFERÊNCIAS

É a curiosidade que compõe o seu repertório. Em sua fala, ele vai das referências ao Studio Ghibli às grandes artistas plásticas brasileiras contemporâneas. Conta como garimpa arte pelas ruas, como a de artistas do norte do país, e que não sossega até convencê-los a fazer um grafite em sua casa. “Tudo me provoca”, diz, enquanto reconhece o talento das novas musas do pop, como Rosalía, a quem gostaria de entrevistar, e também cita referências jovens, como o trap. À cantora espanhola, aliás, ele rasga elogios. “Além de conhecer o primeiro produtor dela, gosto de entrevistados que pegam a pergunta na rede e cortam. Tem que estar sempre preparado”, ele diz, em metáfora aos jogos de vôlei.

Zeca escuta tanta novidade que se gaba de ter apenas 19 anos de idade segundo a retrospectiva do Spotify. Ele, que no RG tem 63, se renova, acompanha tendências e gosta de ser esse farol, e disse que notou que o público tinha um terço de sua idade em uma festa da qual foi DJ, em Belo Horizonte, em fevereiro. “Acho incrível a conexão com a música. Ela atravessa gerações.”

Sua nova obsessão, entretanto, é o desdobramento de tudo que é brasileiro e latino. Passou o Carnaval em Recife, com a

“Meu esforço não é me privar da vida pública. Eu adoro receber convites e ser bem recebido nos lugares. Mas a gente precisa desse núcleo, amigos e amores que vão te segurar.”

1.



GLOBO DIVULGAÇÃO

2.



MARCIO NUNES/GLOBO DIVULGAÇÃO

3.



GLOBO DIVULGAÇÃO

4.



DIVULGAÇÃO

1. *Em 2000, na primeira edição de “No Limite”, uma febre nacional*
2. *Zeca Camargo, Ana Furtado e Patrícia Poeta, em 2010, no evento que comemorou os 50 anos de carreira de Renato Aragão*
3. *“Vídeo Show”, em 2013, com Dani Monteiro, Otaviano Costa e Marcela Monteiro*
4. *Nossa conversa, repleta de referências*

camiseta do Pitombeiras, como Wagner Moura em “O Agente Secreto”, e tem admirado o boom da latinidade. “Bad Bunny, Anitta e outros artistas merecem reconhecimento maior e estão tendo um espaço enorme. Isso é muito positivo. O fato de o Tiny Desk abrir uma franquia no Brasil é um sinal de que a nossa música é uma loucura”, ele diz.

Também lembra que não é só a música que tem se curvado ao que produzimos por aqui. Na Fundação Cartier de Paris, a quantidade de obras de brasileiros é marcante, entre os quais Luiz Zerbini, Adriana Varejão e Claudia Andujar, além de artistas do Vale do Jequitinhonha. Outro ponto alto citado na conversa foi a Bienal das Amazônias, que aconteceu primeiro no Pará e rodou a América Latina toda, posteriormente.

EXPERIÊNCIA DE DÉCADAS

Nesses 40 anos de carreira, as tantas mudanças na forma de comunicar, do impresso à TV, o ensinaram a ser verdadeiro: “A gente só ganha com honestidade. Se você quer ser respeitado, diga o que realmente sente”. Ele segue o conceito em mais um de seus projetos, o Clube do Livro que toca com Astrid Fontenelle. A escolha de um dos temas, a autobiografia de Gisèle Pelicot, “Um hino à vida”, que narra a violência sexual que ela sofreu do marido e de conhecidos dele, também parte do princípio de usar histórias que tocam de verdade — e não aproveitar a lista de mais vendidos apenas.

No Instagram, planeja criar uma série de posts sobre os livros que gostaria “de jogar na parede”: “Aqueles que tem frases tão boas que dão raiva, porque eu sei que nunca escreveria, e olha que eu sou bom nisso!”, conta gargalhando. Nas redes sociais, um post seu com tradução de um trecho de Shakespeare rende mais de 700 mil views. “Quero oferecer ao público coisas que eles não veem, pérolas garimpadas. Gosto de compartilhar descobertas que me fazem pensar que nunca vi isso”, reflete. Entre os exemplos, a inserção de uma perna cabeluda no filme “O Agente Secreto”, ou o filme mudo que Almodóvar insere em “Fale com Ela”. Surpresas que o inflamam.

Em um mundo cada vez mais tecnológico, Zeca não despreza a I.A. e acredita, inclusive, que podem surgir dali

ideias geniais com o aprimoramento contínuo dos sistemas. “Mas a centelha é o ser humano que tem. Você pode pedir que a Inteligência Artificial escreva ‘Grande Sertão: Veredas’ na voz do Shakespeare e vai ficar bom porque os dois existem. Mas I.A. não cria do zero. O que me surpreende é uma coisa que nunca vi, senti ou degustei.”

Zeca segue buscando aquilo que nunca sentiu em garimpos cotidianos pelo mundo e dividindo afinidades com a turma toda. “Quem perder a curiosidade, envelheceu”, ele diz, mais jovem do que nunca.

NOVIDADES DE ZECA

DIVULGAÇÃO



- **Mago de Tarso, trap recifense**

“A criatividade da música brasileira deságua no trap, no Rio, em São Paulo e até no Recife. Não tem música mais criativa. Me encanto com a inventividade.”

SHUTTERSTOCK



- **Rica-Rica, erva aromática andina**

“No Atacama, tomei Pisco com rica-rica e amei. Agora quero colocar em tudo. Quero coisas que não experimentei.”

DIVULGAÇÃO



- **Gaby Amarantos, “Rock Doido”**

“Para mim é o melhor disco do ano passado. Ela pegou tudo que tinha de referências e foi fazer o filhote do brega nesse disco incrível.” **■**

A UTOPIA POSSÍVEL DO IBITI

TEXTO HELEN POMPOSELLI

O ecossistema criado em Minas Gerais oferece conforto ao hóspede e alia gastronomia de alto padrão, espiritualidade e bem-estar entre florestas, cachoeiras, praias de rio e bom atendimento

*Vista aérea da vila:
natureza emoldura*

Lagos, fauna exuberante, contato próximo com a natureza, comida de excelente qualidade e simplicidade com um toque de sofisticação. A experiência no Ibiti Projeto, na Zona da Mata, em Minas Gerais, é sinônimo de luxo para quem vive no meio dos arranha-céus da cidade grande. Para Renato Machado, idealizador e fundador do espaço que fica ao redor do Parque Estadual do Ibitipoca, é um jeito de mudar o mundo tanto social quanto ambientalmente. O lugar é um vilarejo do município de Lima Duarte, a duas horas de Juiz de Fora, onde fica o aeroporto mais próximo. Do Rio de Janeiro, seriam quatro horas de viagem. Ali, o visitante pode escolher o tipo de hospedagem, sejam suítes em uma grande casa de fazenda, casas restauradas do século 18 na vizinha Vila Mogol, ou construções rústicas mais afastadas, no topo de morros (veja box na página 111). O deslocamento ao Ibiti Projeto vale a pena, seja pela gastronomia elogiada (até as geleias são produzidas ali, com matéria-prima que vem das estufas e hortas locais), pelos passeios para cachoeiras revigorantes ou pelas prainhas de rio, com areia branca. Até uma oca, que foi construída em 14 dias por indígenas do Xingu, abriga visitantes e energiza quem passa pela porta, segundo as crenças ancestrais. A arte também é marcante, desde um músico residente até as esculturas, que estão por toda parte.

QUATRO DÉCADAS DE HISTÓRIA

A iniciativa socioambiental foi criada por Renato há mais de 40 anos. Tudo começou quando seu primo, Carlos Repetto, comprou a Fazenda do Engenho, em 1982. Renato percebeu que o espaço ao redor do parque estava sendo usado para o pasto, empobrecendo o solo e afastando a biodiversidade, e nasceu então a intenção de restaurar a fauna e a flora da região, criando um cinturão verde em torno da mata. “Aprendi com meus pais que nós somos a natureza”, ele diz. Pensando em regenerar o local, tanto em termos ambientais quanto do ponto de vista arquitetônico, para preservar as construções que contam a história da região, Renato decidiu investir em pequenas áreas e virou sócio das terras, na década de 1990. De lá para cá, a empreitada foi crescendo aos poucos. Hoje, o Ibiti Projeto ocupa mais de 6 mil hectares de Mata Atlântica em regener-



*Uma das suítes do
Engenho: conforto
e sofisticação*

ação, protegendo e contornando o Parque Estadual do Ibitipoca, um dos mais visitados do Brasil. Além disso, algumas das construções seculares da Vila Mogol foram repaginadas na última década para dar vida ao vilarejo, onde os moradores locais e possíveis hóspedes convivem em harmonia.

Mais que um hotel, Renato frisa que o Ibiti é um ecossistema social, ambiental e humano. Para o empresário, o território de Ibitipoca transmite muita sabedoria das pessoas da região. “Mesmo após tanto tempo em contato com essa terra, ainda aprendo valores como celebrar a vida quando se tem comida”, ele diz. O modelo é de empreendedorismo associado, no qual diversas atividades são conduzidas em rede por empreendedores da região. O próprio Renato desfruta desse conceito também como um habitante local. Por isso, acredita tanto no sistema que desenvolveu ao unir turismo, preservação e vida local. “O meu dia a dia é divertido. Gosto de andar e interagir com as pessoas daqui nas casas de hóspedes e de moradores, em uma rotina no ritmo da montanha onde o foco é habitar, não apenas visitar”, relata.

“Tenho uma relação afetiva com este espaço, pois eu frequento desde criança. Este lugar é um pedacinho do planeta para o qual Deus olhou e se preocupou um pouco mais. Eu aprecio muito a areia branca do fundo do mar que se transformou em arenito sobre pressão e hoje faz parte da paisagem da região.”



Em Ibiti, instalações de arte e experiências de observação de estrelas são uma constante

UM CAMINHO DE SANTIAGO BRASILEIRO

Mas nem só de lazer é feito o Ibiti. A magia está justamente em coordenar a regeneração coletivamente. Sob o comando de Renato, a comunidade desenvolve frentes socioambientais, como o rewilding, que é a reintrodução de espécies nativas e de animais resgatados à natureza, e há também produção própria de orgânicos pela Gaia Produtos Ecológicos e a revitalização da vila do Mogol. “A hotelaria entrou quando percebi que era importante incluir no projeto a população local e gerar emprego. É como um Caminho de Santiago, com estradas e trilhas dentro do território”, diz, sobre as atividades disponíveis para seus hóspedes, que incluem stand up nos lagos e visitas às cachoeiras locais.

Ele acredita que não é apenas um fundador que transforma terras degradadas, mas também criador de um projeto de regeneração ambiental e comunitária, onde turismo, preservação e vida local acontecem juntos. “O que hoje mais nos protege e dá perspectiva de longevidade é o tecido social que construímos, com mais de 300 pessoas trabalhando de portas abertas. Uma comunidade funciona bem quando se autorregula”, reflete sobre os 270 alimentos orgânicos que compõem o cardápio do restaurante e dão origem a um polo



DIVULGAÇÃO



DIVULGAÇÃO



DIVULGAÇÃO

A casa Einstein fica na Ibiti Village, entre as construções seculares da Vila Mogol; no topo, um dos espaços do Village Spa, focado no visitante. Acima, o trabalho de Renato, plantando araucárias com as próprias mãos

gastronômico local e global. O que não é produzido por ali é adquirido de fornecedores locais.

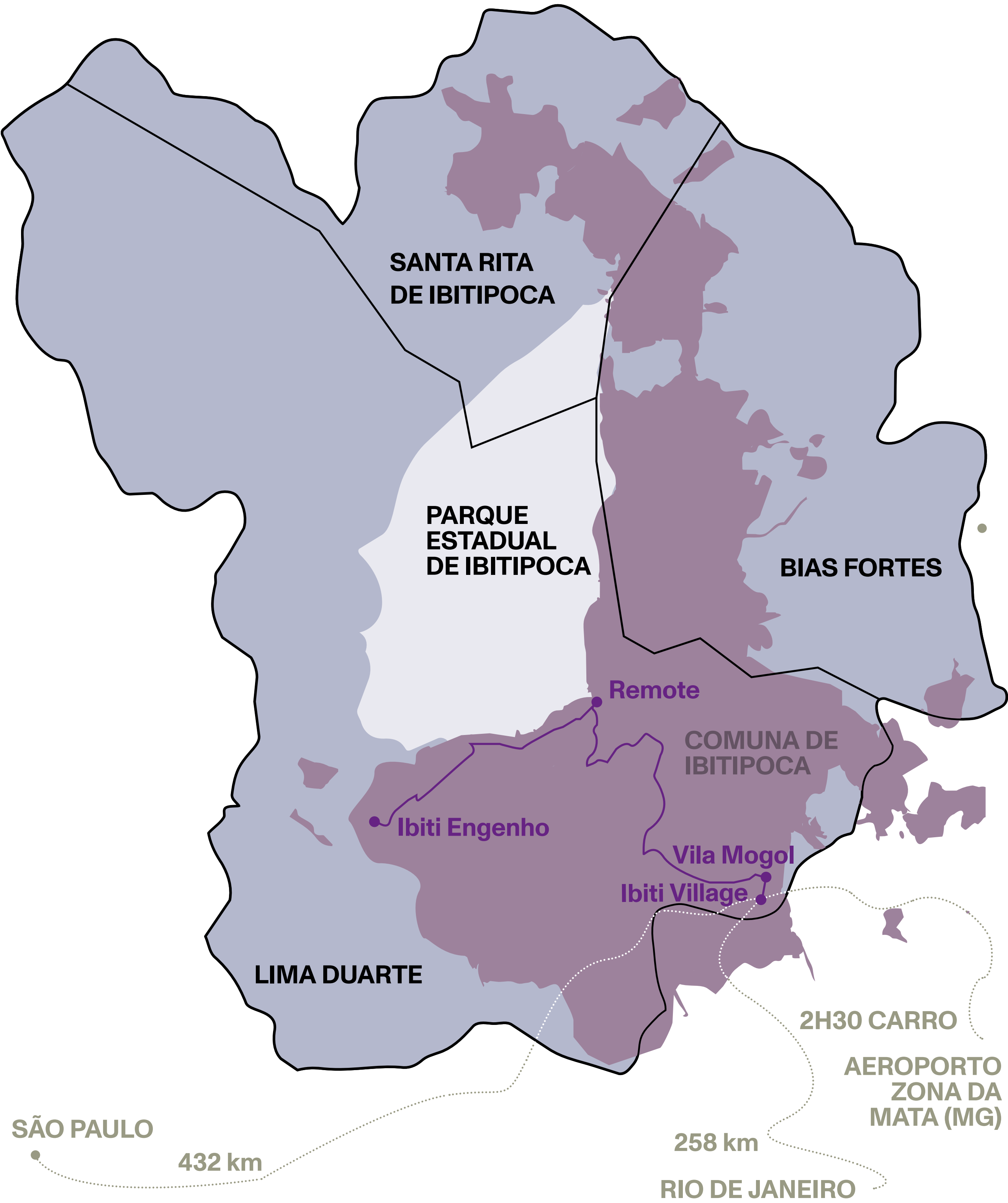
Outro pilar do projeto é a arte, como as esculturas gigantes criadas pela artista plástica norte-americana Karen Cusolito, no Ibiti Engenho. Chamada de “Big Family”, as obras vieram do festival Burning Man e simbolizam a conexão humana com a natureza e a sustentabilidade. “Arte toca o coração e conecta as pessoas. Não quero fazer daqui um museu, mas que a arte esteja ocupando espaços”, diz Renato. Outros exemplos culturais são poemas nas paredes dos quartos e das casas, algumas delas de decoração inspirada em personalidades como Guimarães Rosa e Sigmund Freud. Shows musicais ao pôr do sol e palestras de ciência e espiritualidade com nomes como o físico Marcelo Gleiser e o ativista indiano Satish são frequentes. O Ibiti também promove vivências ligadas à espiritualidade, ao autoconhecimento e à conexão com a natureza, com práticas que envolvem cuidado, presença e relação com o ambiente. “Esse projeto não sou eu, é um monte de gente interessante que trouxe arte para cá, mas não foi nada planejado”, ele diz, despretensioso.

Segundo o empresário, a sofisticação entra sem nenhum exagero, usando recursos naturais para ter autonomia territorial com foco na gestão da microcivilização. Alguns resultados já foram auferidos: o impacto ambiental e social é de mais de 300 empregos gerados e mais de 500 espécies animais beneficiadas. A reversão do êxodo rural devolveu as casas à comunidade e criou novas dinâmicas de trabalho e convivência. A proposta é que os visitantes não sejam só turistas, mas participantes temporários de uma comunidade, trocando o consumo rápido pela experiência de pertencimento. Em resumo, a importância do Ibiti é provar que é possível curar paisagens, comunidades e relações ao mesmo tempo. É regeneração aplicada e o visitante pode testemunhar isso enquanto respira o ar puro e prova uma deliciosa comida mineira com glamour de atendimento alto padrão.

“O Ibiti é um templo de sonhos,
realizações e utopias possíveis.”

DISTÂNCIA:

- O **Ibiti Projeto** fica a 432 km de São Paulo e 258 km do Rio de Janeiro.
- O Aeroporto de chegada é o da **Zona da Mata**, localizado entre os municípios de Rio Novo e Goianá, próximo a Juiz de Fora, MG, a 2h30 de carro do Ibiti Projeto.
- As casas da **Vila Mogol**, que foram construídas a partir de 1780 para abrigar mineradores, foram abandonadas na década de 1980, e suas histórias, interrompidas. A restauração das construções trouxe moradores de volta ao local.



POSSIBILIDADES DE HOSPEDAGEM:



- **Ibiti Village:** casas, suítes e lofts que abrigam até cinco adultos e aproveitam o espaço das aconchegantes construções seculares da Vila Mogol. No bairro, uma igreja antiga construída no século 18 deixa tudo ainda mais charmoso.



- **Ibiti Engenho:** suítes e lodges dentro da Fazenda do Engenho comportam hóspedes com conforto e sofisticação. No espaço, spa e centro fitness completam as possibilidades de descanso.



- **Remote:** quatro casas e lodges privativos em lugares mais ermos (uma delas a 1600 m de altitude) abrigam famílias ou casais que buscam privacidade. As refeições podem ser servidas na própria casa, ou em um restaurante preparado especialmente para atender quem estiver hospedado por lá. ▣

Refúgios de saúde e equilíbrio

TEXTO ANA BARDELLA

Mais do que descanso e relaxamento, estes spas medicinais oferecem tratamentos de saúde com tecnologia de ponta, instalações silenciosas e imersão na natureza

As águas termais do Blue Lagoon são únicas no mundo, com grande poder de cura





O Palazzo Fiuggi tem tratamento com água termal.

PALAZZO FIUGGI

Fiuggi, Itália

No topo de uma colina, a 50 minutos de Roma, o edifício chama atenção pela arquitetura e grandeza. Com salões suntuosos no estilo Art Nouveau, o spa abriga também um parque de oito hectares, com fontes próprias de água mineral que abastecem o espaço e têm propriedades medicinais. Combinando práticas antigas, como o ayurveda, com a medicina ocidental, oferece consultas, exames, tratamentos corporais e programas de alimentação e exercícios.

Na academia, aparelhos de estimulação motora ativam reações neuromusculares e melhoram o desempenho e a capacidade de recuperação do corpo. O relaxamento também é garantido: os hóspedes são recepcionados com banho turco, ritual com água quente, sabonete enriquecido com óleo de argan e fragrância oriental, finalizado com água de rosas.

*Prato autoral do
Chenot Palace,
parte de um
cardápio detox*



DIVULGAÇÃO

CHENOT PALACE WEGGIS

Weggis, Suíça

Eleito cinco vezes o melhor spa do mundo na categoria detox pelo World Spa Awards, possui um programa voltado especificamente para a qualidade do sono. Nele, é feita uma avaliação do cronotipo de cada hóspede e são propostas atividades e pausas, em horários específicos, que visam promover um descanso mais profundo e revigorante. Também são levadas em conta a frequência cardíaca e as características bioenergéticas e de composição corporal para traçar um plano alimentar e de exercícios.

Além de massagens, o spa também oferece crioterapia, eletroestimulação, relaxamento neuroacústico, pijamas que mantêm a temperatura corporal estável e roupa de cama tecnológica, que contém minerais que são ativados pelo calor do corpo e prometem acelerar a recuperação de energia. Às margens do Lago Lucerna, com vista para dois montes e praia privativa, o spa também oferece aulas de tênis, yoga, caminhadas e trilhas guiadas. Na academia, uma sala simula a altitude de 2500 m para desafiar a resistência física.



DIVULGAÇÃO

Na Índia, a importância da prática de yoga.

SIX SENSES VANA

Dehradun, Índia

Ayurveda, yoga, medicina chinesa e tibetana: o retiro é um convite a experimentar técnicas ancestrais de tratamentos voltados para o bem-estar, que são também um mergulho na espiritualidade. Já na recepção, os hóspedes são convidados a usar vestes padrões, oferecidas pelo local, e o uso do celular é desencorajado. Ao sair, recebem uma pulseira vermelha em símbolo de bênção. Situado em uma floresta, o contato com a natureza é constante — macacos e outros animais podem ser avistados a qualquer momento — e as terapias variam de acordo com as estações do ano.

Tons suaves, quartos iluminados e vistas panorâmicas tornam a experiência ainda mais relaxante. Com a sustentabilidade como um dos pilares de funcionamento, os sistemas de iluminação são projetados para otimizar o consumo de energia; a água da chuva é coletada e usada para irrigação, e garrafas plásticas não são utilizadas. A gastronomia segue os padrões ayurvédicos, com baixas concentrações de óleo e de sal.

JOALI BEING

Ilha Bodufushi, Maldivas

Primeiro resort das Ilhas Maldivas totalmente voltado para o bem-estar, só pode ser acessado por meio de hidroaviões. Possui 68 acomodações, incluindo bangalôs sobre a água, com piscinas que se integram ao mar e serviço privativo. Pensado para famílias ou grupos de amigos, possui um espaço de brincadeiras e experiências voltadas para as crianças — entre elas, oficinas de arte, culinária e jardinagem, além de aulas de yoga.

O destaque da hospedagem está no spa, que em 2025 recebeu o título de Melhor Design pelo World Spa Awards. Entre os tratamentos disponíveis estão consultas, exames médicos, crioterapia, watsu (terapia aquática que combina alongamentos, massagens e movimentos rítmicos), terapia molecular da pele, além de tratamentos estéticos e workshops de fabricação de perfumes naturais e também de culinária. Na área gastronômica, o hotel abriga três restaurantes, todos com refeições leves e sofisticadas, além de um bar e um salão de chás.



*O relaxamento
nas águas é nas
Maldivas*

THE RETREAT, BLUE LAGOON

Grindavík, Islândia

Contemplar as paisagens vulcânicas enquanto desfruta de águas quentes, de tonalidade azul leitoso e repletas de minerais com propriedades terapêuticas: os banhos no spa Blue Lagoon estão na lista das experiências mais procuradas por turistas na Islândia. O complexo geotérmico é artificial e se originou do escoamento de uma usina elétrica que ficava nas proximidades. A água, que inundava um campo de lava, criou a piscina. Por ter altas concentrações de sílica e potencial curativo para a pele, o local passou a atrair cada vez mais banhistas.

Atualmente, abriga dois spas: o principal, mais requisitado pelo público para visitas esporádicas, e o exclusivo The Retreat, onde é necessário se hospedar. Ele dá acesso a lagoas privativas, grutas e espaços subterrâneos, saunas secas e úmidas, massagens na água e tratamentos para o corpo e o rosto. Também é possível fazer aulas de yoga e meditação, atividades para casais ou passeios agendados pelas redondezas. O espaço conta ainda com três restaurantes, sendo um deles — Moss Restaurant — estrela Michelin. A depender da época e das condições climáticas, é possível desfrutar da lagoa enquanto se assiste a aurora boreal.



LAPINHA

Lapa, Paraná

A 87 km de Curitiba, o complexo hoteleiro abriga spa, centro médico, estrutura esportiva e uma fazenda, de onde vêm os alimentos oferecidos no local. Fundado há 53 anos, os hóspedes são submetidos a um questionário prévio e, em seguida, encaminhados para uma sequência de tratamentos, que podem ser voltados ao emagrecimento, ao tabagismo, à redução do estresse ou específicos para amenizar os impactos do câncer.



No Lapinha, os pacientes podem escolher a orientação do tratamento que buscam



No Kurotel, a sauna é local de contemplação

KUROTEL

Gramado, Rio Grande do Sul

Com método próprio e voltado para a saúde integral, o spa oferece exames sofisticados. Por meio deles, são traçadas análises genéticas, além de avaliações sobre as membranas celulares e sobre o microbioma do corpo. Após os resultados, são oferecidos tratamentos personalizados, que podem ser voltados para o alívio do estresse, emagrecimento ou longevidade. Entre os profissionais da equipe estão médicos, nutrólogos, esteticistas, dermatologistas e fisioterapeutas.

O local também oferece um serviço de hospedagem para executivos — sozinhos ou acompanhados de sócios e parceiros — cujo objetivo é unir produtividade e conforto nas viagens a trabalho. Os hóspedes ainda podem optar por um serviço de acompanhamento pós-estadia, para estimular os resultados a longo prazo. Com vista para a serra gaúcha, foi eleito oito vezes como Melhor Spa Médico da América Latina pelo World Spa Awards. ▣



POLTRONINHA, POR LUCIO COSTA

dspot

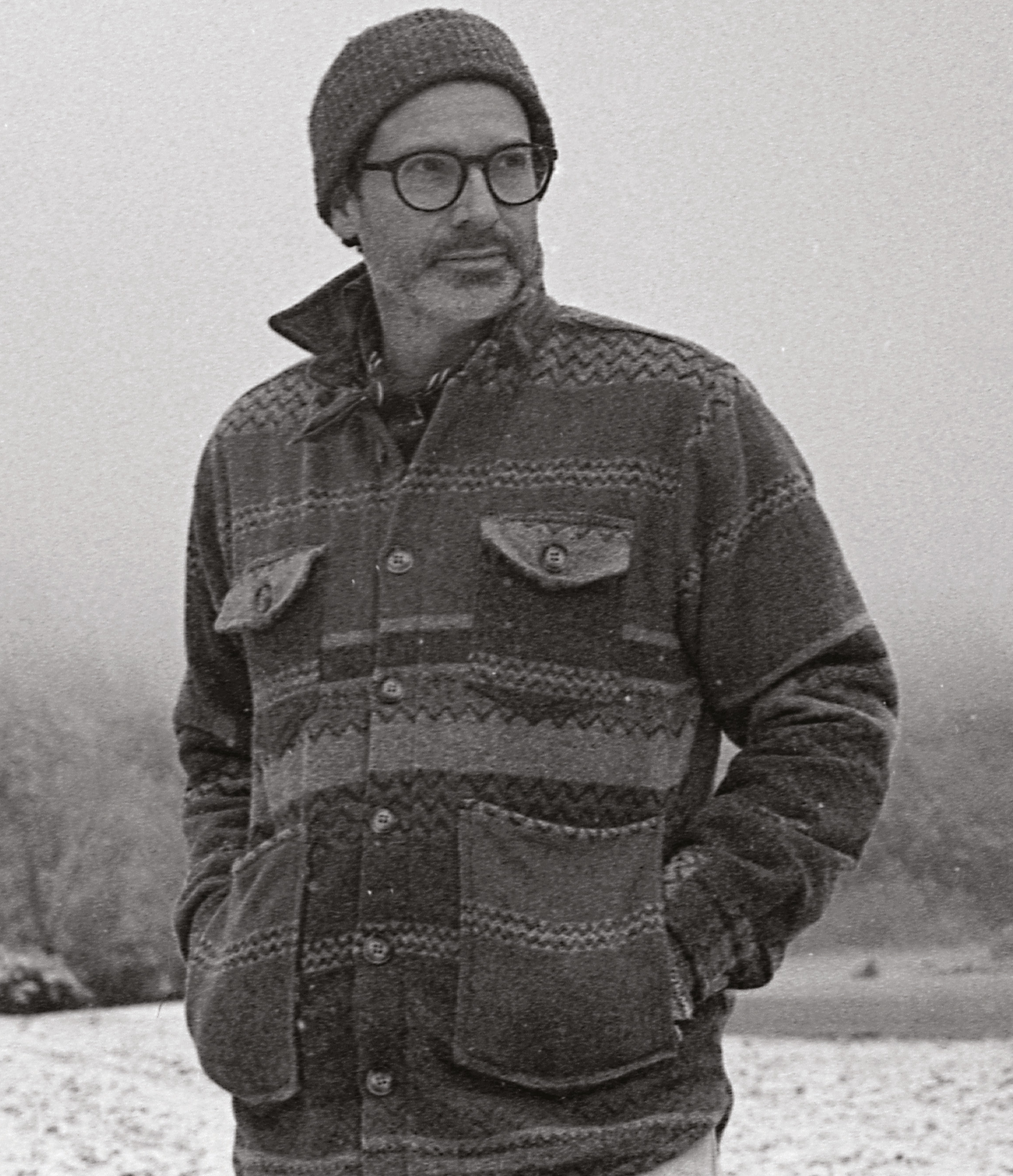
Al. Gabriel Monteiro da Silva, 479 01441-000 Jardim Paulistano São Paulo-SP t.: +55 11 3082 9513
Shopping D&D, piso térreo Av. das Nações Unidas, 12.551 04578-903 Brooklin Novo São Paulo-SP t.: +55 11 3043 9159
dspot.com.br @dspotbrasil

Gustavo Zylbersztajn

Na Patagônia, a conexão com coisas reais

TEXTO MATHEUS PICHONELLI

Em São Paulo, cidade onde nasceu, o fotógrafo recebeu alguns sinais de que era hora de partir. Aqui, ele conta como reconstruiu a vida com a mulher e os dois filhos na Patagônia



Futaleufú é uma vila localizada na região de Los Lagos da Patagônia chilena. O destino é conhecido mundialmente por abrigar o Rio Futaleufú, um dos melhores do planeta para a prática de rafting e caiaque. Impressiona pela coloração de suas águas, esverdeadas. Foi para lá que o fotógrafo paulistano Gustavo Zylbersztajn, de 49 anos, se mudou com a mulher, a modelo Patrícia Beck, e os filhos, em 2020, e construiu a experiência Mapu, um conjunto de cabanas no terreno adquirido em 2014, às margens do lago Lonconao. Eles não chamam o lugar de lodge, nem de hotel, mas de uma experiência para visitantes. Mapu, aliás, é “terra”, na língua ancestral. A mudança, entretanto, foi depois de um longo processo de despedida de outra terra, o Brasil. A ideia surgiu cerca de dez anos antes, durante uma viagem para o Chile.

No local, o casal oferece hospedagem para quem busca conexão com o silêncio e o ritmo da natureza — além de experiências como caça a cogumelos nos bosques nativos e o contato com a cozinha local. O estúdio criado por Zylbersztajn é um atelier dedicado às imagens e aos projetos como os workshops de fotografia realizados por lá uma a duas vezes por ano, um “pequeno templo” onde se pode sentar, pensar, fazer reuniões e retratos de pessoas e locais, basicamente camponeses, vacas e ovelhas que passeiam em terrenos abertos, sem cercas.

Um passado de grifes

Gustavo se consagrou como fotógrafo de campanhas de marcas internacionais como Paco Rabanne, Johnnie Walker e Jeep, e renomadas grifes brasileiras do porte de Ricardo Almeida e Animale. O trabalho deu a oportunidade de fotografar personalidades como Sarah Jessica Parker, Marina Abramović, Naomi Campbell, Rodrigo Santoro, entre muitas outras.

Ainda faz retratos em solo brasileiro, mas, quando precisa trabalhar por aqui, encara uma logística complexa. Viaja de carro pela Argentina por uma hora e meia até o aeroporto de Esquel, que fica até 85 quilômetros de distância, dos quais dois terços do caminho são asfaltados e o restante é composto por pedras e terra. “É uma estrada plana, mas com a paisagem se percebe visualmente a mudança, do verde da cordilheira para o deserto



Gustavo diz que a vivência na Patagônia mudou também a forma como trabalha. Suas fotos tomaram um caminho estético mais natural e real

das pampas de Esquel”. De lá, são cerca de duas horas e quinze minutos de voo até Buenos Aires, e ele chega a São Paulo geralmente só no fim do dia.

A vida paulistana e no litoral

Gustavo conheceu Patrícia há 16 anos, quando trabalharam juntos. “Nós nos conectamos na sinergia de uma vida cheia de aventuras. Fizemos viagens incríveis, sempre com a ideia de estar na natureza, conhecer locais fora do circuito usual, como Birmânia, Laos, Camboja, Ilhas Faroe e diversos parques nacionais na China.” Os filhos Ben e Cora, hoje com 8 e 6 anos, respectivamente, também nasceram na capital paulista.

Ben era uma criança de colo quando o casal decidiu se mudar para o Chile. “A gente estava em busca de uma terra na natureza. Algo fora do Brasil. E eu estava indo bastante para o Chile a trabalho. Não só Patagônia, mas também Atacama e Santiago. Vi um país seguro e estável e, em 2011, começamos um flerte com a Patagônia. Entrei no Google e achei o anúncio de um terreno cem por cento rural. Vim fazer uma visita e adorei. Foi uma oportunidade.”

Nesse período, alguns eventos impactaram a vida da família. Uma delas foi quando a casa em São Paulo onde eles moravam pegou fogo, devido a uma sobrecarga no gerador da rua. Outra dificuldade foi em janeiro de 2020, quando o estúdio do fotógrafo Bob Wolfenson, com quem Gustavo trabalhou por oito anos, na Vila Leopoldina, em São Paulo, alagou. Era lá que ficavam os equipamentos dele. Patricia estava grávida de Cora, fazendo exames de rotina em São Paulo, e eles colocaram os novos móveis da casa em um container, enviado para Futaleufú. O fotógrafo foi até os Estados Unidos comprar novos equipamentos. A fronteira fechou logo depois por conta da pandemia.

Ficaram em uma casa vazia em São Paulo por vários meses. “Parecia um roteiro de filme”, relembra Zylbersztajn. “Tinha um kit de sobrevivência na casa, para os dias em que fosse a São Paulo trabalhar, com quatro pratos, quatro copos e um colchão no chão. A casa estava 70% desmontada no auge do isolamento social e ninguém podia sair na rua”, ele lembra. Foi assim que a filha do casal nasceu, em setembro de 2020. Sem móveis, mas juntos.



Família unida: a mulher, Patrícia, e os filhos Ben e Cora na estrada e, acima, as cabanas do lodge onde recebem hóspedes

Foi só em novembro daquele ano que a família conseguiu finalmente se mudar para Futaleufú, onde moraram por dois anos na Cabana Corcovado, enquanto a casa atual era construída.

Desde que se mudou para a Patagônica, Gustavo seguiu ativo. “O caminho não foi fácil. Estar aqui exigiu muita entrega e doação, de todos os lados.” Hoje, a família celebra a possibilidade de criar os filhos em contato tão próximo com a natureza. Eles estudam num modelo de homeschooling, em uma sala de aula construída pelos pais. Na vizinhança, aprendem a cultivar a horta, a caminhar no bosque, a catalogar árvores, a identificar folhas e cogumelos. Praticam esporte, têm aulas de natação no lago e reconhecem as peculiaridades de cada estação do ano. “Fizemos uma boa escolha.” No Mapu, os anfitriões convidam os visitantes a desacelerar, respirar fundo e redescobrir o valor das pequenas coisas, porque na Patagônia, como define Gustavo, não é preciso muito. Basta estar presente. ▀

Direção Criativa

Christian Gebara

Comitê Editorial

Alex Salgado, Marina Daineze,
Dante Compagno, Sabrina
Romero, Raphael Mesquita e
Renato Winnig

Edição Executiva

Isaac Trabuco

Coordenação de Conteúdo

Janaina Felix e Richard Costa

Relações Públicas

Patrícia Lisboa

Estratégia de Canais e Distribuição

Gabriela Vieira e Larissa Farese

Publicidade e Comercial

Julio Mazzoni Tortorello
(julio.tortorello@telefonica.com)

Direção de Redação

Luciana Bugni

Edição de Arte

Isabella Pisaneski

Identidade Visual

André Stefanini e
Cristiano Gonçalo

Produção Executiva

Geórgia Costa Araújo

Coordenação Executiva

Rafaela Akkari

Textos

Alexandre Petillo, Ana
Bardella, Barbara Demerov,
Cíntia Marcucci,
Diego Olivares, Eduardo
Viveiros, Felipe Machado,
Gabriela Longman,
Helen Pomposelli, Joyce
Pascowitch, Luca Pucci,
Lucas Vasconcellos,
Luciana Bugni, Matheus
Pichonelli, Miriam Gimenes

Revisão

Gabriel Naldi e Joice
Karoline Vasconcelos
dos Santos

Mídias Sociais

Emanuel Antônio,
Maria Antônia Lisboa, Jan
Martins e Tatiana Bittar

Produção

Coração da Selva
Transmídia S/A

Estamos no Instagram

📷 [**velvet.brasil**](https://www.instagram.com/velvet.brasil)

Mais sobre a Velvet

Fale com a equipe

Acesse edições anteriores

Escolha como quer receber a Velvet

Acompanhe eventos da Casa Vivo

VELVET